UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANAS

MARCÍLIO MELO VIEIRA

**Para um estudo das influências fonológicas do italiano no
português falado na cidade de São Paulo**

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANAS

Marcílio Melo Vieira

**Para um estudo das influências fonológicas do italiano no
português falado na cidade de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giliola Maggio

SÃO PAULO

2010

Folha de aprovação

Marcílio Melo Vieira

*Para um estudo das influências fonológicas do italiano no português falado na
cidade de São Paulo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

As línguas, se sabe, são abstrações extremamente concretas; uma língua é alguma coisa que não existe em nenhum lugar, que podemos colher somente por amostras e aproximações e que, ainda assim, é presente e viva, fonte de sentimentos os mais extremos, filtro insubstituível de pensamentos e ações.

Cardona (1995: 209) (tradução nossa)

Resumo

O presente trabalho se propõe a investigar uma possível correlação entre a pronúncia de determinados segmentos fonéticos que caracterizam o dialeto de São Paulo e as variedades linguísticas trazidas à cidade pelos imigrantes italianos a partir do final do século XIX. Percorre a história da imigração, com um olhar sobretudo sociolinguístico, ressaltando o estreito contato entre as duas comunidades e seus respectivos sistemas linguísticos. Em seguida, expõe e analisa, qualitativamente, as variantes que distinguem a fala paulistana de outras variedades brasileiras, evidenciando seus pontos comuns com o italiano e suas dessemelhanças com outros dialetos regionais brasileiros. Por fim, sugere a adoção de um modelo quantitativo de análise, que permita elaborar dados sobre a variação fonológica local, conhecer a sua sistematização e verificar a possibilidade que a ocorrência de alguma das variantes constitua mudança em curso na fala do paulistano.

Palavras-chave: língua italiana - imigração em São Paulo - variação linguística - sociolinguística

Abstract

This master thesis discusses, qualitatively, the correlation between certain phonemes that are characteristic to the dialect spoken in Sao Paulo and linguistic variants or varieties brought to the city by Italian immigrants. This paper offers an overview of the history of immigration, mainly from a sociolinguistics perspective, focusing on the close relationship between the communities in contact, as well as their languages. It presents a qualitative analysis of the variants that distinguish the paulistano speech from others around the country, by highlighting some aspects in reference to the Italian language. In conclusion, this paper suggests a quantitative analysis that would allow us to check more thoroughly "how much Italian" there is in the speech recognized as paulistano.

Keywords: italian language - immigration – linguistic variety - sociolinguistics

Sumário

Introdução.....	8
1. Presença italiana em São Paulo: a história da imigração e o contato linguístico	12
2. As variantes do português paulistano: uma análise qualitativa	25
2.1 A pronúncia do /r/ em coda	30
2.2 As pronúncias de /t/ e /d/	45
2.3 O sistema vocálico do português e do italiano	46
2.4 A ditongação do /e/ nasal no dialeto paulistano	50
2.5 A pronúncia das vogais postônicas em posição final de palavra	50
2.6 A semivocalização das vogais [i] e [u]	52
2.7 O fenômeno da interferência fonológica	54
3. O estudo das influências fonológicas do italiano no português de São Paulo: uma proposta de análise quantitativa.....	57
Considerações finais.....	64
Referências bibliográficas	66
Apêndice A	71
Apêndice B	72

Introdução

Descrever e explicar origens de fenômenos linguísticos que caracterizam um determinado falar ou dialeto torna-se mais difícil quando não se pode contar com dados oriundos de certas fases de sua história. Este estudo nasce do interesse em refletir sobre o contato entre dois sistemas fonológicos: o português falado na cidade de São Paulo e o italiano que aqui chegou com os imigrantes. Seria possível investigar algumas peculiaridades da pronúncia paulistana em correlação ao contato entre o português e as variedades do italiano, a partir do primeiro grande fluxo de imigração proveniente da Itália, iniciado no final do século XIX?

Pode-se chamar a atenção para o fato de que alguns sons que distinguem o português paulistano de outros dialetos¹ brasileiros, principalmente daqueles pertencentes a regiões onde a presença de imigrantes italianos não foi tão intensa quanto foi em São Paulo², coincidem com realizações fonológicas da língua italiana. Entretanto, permanece a pergunta: como comprovar que tais coincidências têm uma base no contato entre essas línguas?

Os estudos sociolinguísticos labovianos atribuem à língua três grandes aspectos fundamentais: “variação inerente, mudança constante e significado/valor social” (Tagliamonte, 2006: 7). Este conjunto de características remete a questões como: que particularidades teria tido o português falado na cidade de São Paulo nos primeiros anos de sua fundação e, mais tarde, no início do século XX, período em que a capital recebeu imigrantes de várias nacionalidades? O que teria se modificado até que se chegasse à língua que conhecemos hoje e que fatores teriam atuado nesse processo, lento e constante?

¹ O termo dialeto, quando for utilizado neste trabalho para se referir às variedades regionais da língua portuguesa falada no Brasil (dialeto caipira, dialeto nordestino etc) deve ser entendido como um “conjunto de marcas linguísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica, *restrito a dada comunidade de fala inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, que não chegam a impedir a intercomunicação da comunidade maior com a menor* (Houaiss, 2001) (grifo nosso). No caso dos dialetos italianos, falados pelos imigrantes, o termo define um sistema linguístico autônomo e não uma variedade do italiano standard, podendo ser definido, de acordo com Palazzi e Folena (1992), como: “sistema linguístico normalmente falado em uma área espacial reduzida, com produção literária e escrita limitada e que não é utilizado em âmbito oficial ou técnico-científico” (tradução nossa). “Em determinada dimensão, a variedade de uma língua que um indivíduo usa é determinada pelo que ele é. Todo falante aprendeu, como sua L1, uma particular variedade de língua de sua comunidade linguística e essa pode ser diferente em algum, ou em todos os níveis de outras variedades da mesma língua apreendidas por outros falantes como sua L1. Tal variedade, identificada segundo essa dimensão, chama-se ‘dialeto’”(Halliday, 1974: 105).

² Por exemplo, nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e em todos os estados do Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. Os estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul também receberam um número considerável de imigrantes provenientes da Itália, sobretudo da região do Vêneto e do Trentino-Alto Adige.

A falta de dados provenientes de etapas passadas da transformação do português falado em São Paulo dificulta o estudo de processos que possam ter ocorrido na época em que se deu o contato e logo após o encontro entre as duas línguas, mas não impede a realização de uma análise que compare a pronúncia paulistana com a italiana e com outra(s) fala(s) brasileira(s), de lugares onde o contato com o italiano não existiu. Tal obstáculo, pelo contrário, estimula o interesse em descobrir uma linha de estudo e uma metodologia que encaminhem a possíveis respostas às perguntas feitas.

A este ponto, precisa-se explicar o que se entende por ‘língua italiana’, isto é, que língua(s) falavam os italianos que chegaram ao Brasil no período conhecido como aquele de maior fluxo de imigração, compreendido entre 1870 e 1920. Na Itália, contemporaneamente à saída de seus cidadãos em direção ao Brasil, ganhava força o processo de adoção de uma língua comum a todos os habitantes da península, como consequência de sua unificação política, verificada entre 1861 e 1871. De acordo com Lorenzetti (2002: 18),

Até que se iniciasse a unificação política italiana, o italiano existiu quase somente como modalidade escrita e em certos usos orais que eram muito semelhantes aos escritos por razões de formalidade e de usos oficiais. Apesar de ter-se insistido muito, nos últimos anos, sobre a presença secular do italiano como língua falada, as estatísticas mais confiáveis (DE MAURO, 1963 e 1989) estabelecem em cerca de 2,5% da população o número de falantes do italiano em 1861; outras pesquisas, mais otimistas, elevam essa taxa a 10% (CASTELLANI, 1982). É claro que falar de ‘língua nacional’ considerando estatísticas desse porte não é adequado. Foi a unificação política que introduziu alguns fatores que constituíram as bases da efetiva unificação linguística italiana. (tradução nossa)

Os fatores aos quais se refere o linguista italiano são o surgimento de uma burocracia unificada, a criação de um exército nacional, a difusão da escola e da imprensa, a industrialização, entre outros. Todos esses elementos despontaram em um período de tempo que coincide com aquele que será descrito no primeiro capítulo da presente dissertação como o período de chegada e de fixação dos imigrantes italianos no Brasil.

Na Itália, os dialetos regionais continuaram a ser empregados ainda por décadas após a unificação política, como as línguas da comunicação quotidiana, tanto nas classes populares quanto no meio aristocrático (Bruni, 1992). Pode-se imaginar, a partir desses dados, que os italianos que chegaram ao Brasil durante a primeira grande fase de imigração só podiam ser dialetófonos. Apesar da diversidade linguística, todos os dialetos italianos possuíam uma base comunicativa comum, ou seja, do ponto de vista fonético-fonológico, os segmentos que serão analisados nesse estudo são comuns a todos eles, assim como ao

chamado italiano standard. Nesse sentido, para fazer referência à língua por eles trazida a São Paulo, será usado aqui o termo ‘variedades italianas’ ou simplesmente ‘italiano’.

O primeiro capítulo trata da história da imigração italiana no Brasil, com especial atenção ao que aconteceu na cidade de São Paulo e tem como objetivo trazer à tona informações da história sociolinguística referentes à convivência entre brasileiros e italianos, buscando dados que evidenciem que o português paulistano e o italiano conviveram por muitos anos e de maneira considerável; mostrar qual foi a intensidade desse convívio, do ponto de vista social e linguístico. Importa também conhecer dados quantitativos sobre a presença dos italianos (quantos eram os imigrantes estabelecidos na cidade em diferentes décadas) e fazer referência à sua participação na vida social de São Paulo em um período decisivo na formação da cidade. Além do convívio entre os dois povos e, por efeito, entre as duas línguas, algumas das referências sociolinguísticas citadas naquele capítulo apontam uma relação direta de causa e consequência entre eventos sociais e o surgimento de novidades na variedade linguística paulistana, ou seja, sugerem que certas variações no português de São Paulo possam ter sido realmente causadas pelo contato com o italiano dos imigrantes.

Os fatores sociais observados no contexto histórico serão tomados, então, como possíveis hipóteses para explicar a ocorrência de determinadas variantes na fala paulistana. A Sociolinguística estuda as estruturas da língua inseridas no contexto social em que elas são usadas e é definida por Tagliamonte (2006: 03), como “a área da linguística que toma como ponto de partida as regras gramaticais e estuda os pontos em que elas tomam contato com a sociedade”. Através da análise de dados linguísticos teóricos e empíricos inseridos no contexto que aqui nos interessa (a cidade de São Paulo e seus habitantes), este estudo tem como propósito defender a ideia de que tal correlação realmente exista. Com base em dados descritivos da fonologia do português e do italiano podem-se discutir as hipóteses que sustentam cada uma das variantes paulistanas (apresentadas no segundo capítulo como caracterizantes desse dialeto) como resultantes do contato com o italiano.

Cabe realizar, como ponto de partida, uma análise de caráter exclusivamente qualitativo, através da qual se discutam as razões que levam a crer que o italiano dos italianos de São Paulo teria agido sobre o português a ponto de acarretar-lhe certas variações que hoje caracterizam a pronúncia do paulistano. É importante lembrar que, tão importantes quanto as semelhanças com o italiano são as dessemelhanças de tais pronúncias do paulistano com falares brasileiros onde não houve presença marcante da língua e da cultura italianas. Elementos distintivos comuns à variedade paulistana e ao italiano, e suas ausências nas outras variedades brasileiras, corroboram a defesa da hipótese que aqui se sustenta.

O último dos três capítulos que compõem este trabalho descreve o planejamento de uma análise sociolinguística variacionista e de como submeter as variantes paulistanas a uma análise de natureza quantitativa, cujos dados possam contribuir para explicar as variações aqui pressupostas.

Em suma, busca-se orientar um estudo que permita verificar, a partir da história da imigração italiana em São Paulo, a presença e a participação dos italianos na organização social e linguística da cidade e o consequente contato de suas pronúncias com aquelas dos falantes de língua portuguesa.

1. Presença italiana em São Paulo: a história da imigração e o contato linguístico

Para definir a variedade do português falado na “Província de São Paulo”, numa época em que a língua dos portugueses já havia encontrado aquelas indígenas e também as africanas, mas ainda não havia tido contato com as várias línguas europeias trazidas pelos imigrantes, o dialetólogo brasileiro Amadeu Amaral cunhou o termo “dialeto caipira”. Tratava-se de um regionalismo “bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta” (Amaral, 1976: 41). Foi esse modo de falar que conferiu aos paulistas a fama de corromperem a língua falada “com muitos e feios vícios de linguagem”, prossegue o linguista. Tanto que, quando o Senado do Império propôs a criação do primeiro curso de Direito no Brasil e tendo sido São Paulo candidata à sede da Universidade, “houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país”.

A realidade linguística local começou a transformar-se, porém, quando “a substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal”. Os “caipiras” começam a deixar de protagonizar o contexto linguístico com o crescimento e a mescla da população com outros povos, provenientes de outras culturas.

De fato, a partir do final do século XIX e até por volta de 1974, o Brasil acolheu um grande número de imigrantes estrangeiros: cerca de cinco milhões de pessoas, das quais um milhão e meio eram italianos³. Bergmann (1977: 23) cita um dado da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da Universidade Estadual de Campinas, que fornece com precisão o número de italianos que entraram no país naquele período: “os registros de imigração disponíveis, a maior parte dos quais se encontra somente no estado de São Paulo, indicam que 1.401.335 imigrantes italianos entraram no Brasil”.

Depois da abolição definitiva da escravatura em 1888, surgiu, na jovem nação sul-americana, a necessidade imediata de substituir a mão-de-obra africana, sobretudo na lavoura

³Conforme Luciana Facchinetti, em artigo disponível no site da Embaixada da Itália em Brasília. Já, de acordo com Gomes (2000: s.p.) dados do IBGE relatam que “entre os anos de 1870 e 1920, momento áureo do longo período conhecido como o da grande imigração, os italianos resultavam 42% do total dos imigrantes que entraram no Brasil, ou seja, num total de 3,3 milhões de pessoas, os italianos eram cerca de 1,4 milhões”.

do café. Além disso, outra exigência essencial à política de povoamento foi a de ocupar as áreas de fronteiras territoriais habitadas pelos indígenas. Foram tomadas, então, várias iniciativas pelo governo brasileiro para atrair os europeus, dentre as quais a concessão do direito à imigração.

O estado de São Paulo estabeleceu prontamente uma política própria: a fim de pôr em prática a entrada de imigrantes em seu território, os proprietários de terra, produtores de café (cujo cultivo naquele momento substituíra, economicamente, o do açúcar) uniram-se e fundaram, em 1886, a Sociedade Promotora de Imigração. Por meio de uma verdadeira campanha publicitária, organizada por agências a serviço de um comissariado enviado pelo governo brasileiro à Europa, o Brasil foi apresentado aos europeus como meta para aqueles que quisessem ter a oportunidade de recomeçar a vida em um país novo e promissor. A repercussão dessa iniciativa na Itália foi considerável. Inúmeros trabalhadores italianos, desempregados e movidos pela necessidade, dispuseram-se, diante do momento de crise vivenciado pela economia do país, a tentar a sorte além-mar. Muitos deles tiveram como destino as lavouras de São Paulo, beneficiando os fazendeiros da região que tanto necessitavam de trabalhadores braçais.

A escritora brasileira de origem italiana, Zélia Gattai, no seu livro de memórias intitulado *Città di Roma*, recorda as palavras de seu avô materno ao contar como foi a partida das famílias Da Col (veneta) e Gattai (toscana) em direção ao Brasil:

Foi nessa ocasião que começaram a correr vozes de que representantes de fazendeiros de café, do Brasil, haviam chegado, prometendo mundos e fundos, contratando famílias inteiras para trabalhar nas fazendas. A América, diziam, é o paraíso! O Brasil, a terra da cuccagna! A terra da fartura, da riqueza! As promessas eram tantas que todo mundo se entusiasmou. Teriam passagens e receberiam dinheiro suficiente para chegar à tal fazenda, em Cândido Mota, no interior de São Paulo. Muitas famílias se inscreveram, dispostas a embarcar na aventura, enriquecer. Os enviados dos fazendeiros falavam italiano e tinham muita lábia (2006: 24).

Além das iniciativas promovidas pelo governo brasileiro, outros fatores motivaram a política de emigração na Itália, tais como o crescimento da população e o processo de unificação política, associados à pequena dimensão territorial italiana e a uma topografia que não favorecia a expansão da agricultura. Os primeiros tempos da Itália unificada foram, sobretudo, de adaptação a um contexto novo. A população, essencialmente rural, vivia em péssimas condições. A concentração das terras cultiváveis nas mãos de uma restrita aristocracia latifundiária e a introdução de máquinas modernas no trabalho agrícola, assim como novas técnicas de produção nas cidades, provocaram o desemprego e, conseqüentemente, uma grave crise socioeconômica. Os agricultores, submetidos a impostos

altíssimos, viam-se obrigados a oferecer produtos com preços inferiores aos do mercado. Essa prática, ao longo do tempo, gerou a perda de propriedades e o empobrecimento desses produtores que, tendo de se estabelecer nas cidades, não só aumentavam os índices de desemprego, como acabavam entregues à marginalidade (Trento, 1988). A emigração, então, apresentou-se a essas pessoas como possibilidade de sobreviver com dignidade. O próprio governo italiano incentivou uma parte da população a partir, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida aos que ficavam. Dessa forma, financiados por quem os incentivava a deixar a terra natal, cidadãos italianos começaram a emigrar, iludidos pelas promessas de alimentação, moradia e, principalmente, um salário que lhes permitisse adquirir seu próprio pedaço de terra.

Os primeiros imigrantes a deixarem a Itália durante o período conhecido como o “da grande imigração” (1870-1920) foram os do Vêneto⁴, cerca de 30% do total, seguidos pelos habitantes da Campania, Calabria e Lombardia⁵. Concentrados em maior número nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, distribuíram-se progressivamente nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, principalmente, São Paulo, em virtude das estimativas de ser esta a cidade que teria maior desenvolvimento econômico e metropolitano. Foram famílias inteiras a embarcar nos portos italianos – nos de Gênova e de Nápoles, principalmente - e a desembarcar em Santos. Tomavam o trem em Santos com destino à Hospedaria dos Imigrantes, situada no bairro do Brás, em São Paulo, hoje sede do Memorial do Imigrante. Ficavam ali por um breve período de tempo, para prosseguir depois em direção às fazendas de café. Mais tarde estabeleceram-se na cidade de São Paulo (Facchinetti, 2004).

Em determinadas regiões da Itália, a emigração voluntária gerou um verdadeiro êxodo de massa: era o primeiro grande processo de deslocamento de cidadãos italianos para o Brasil. Entre o início de 1890 e a Segunda Guerra Mundial, eles formavam o grupo mais numeroso entre os imigrantes europeus que aqui entraram e chegaram a representar um quarto da população do Estado de São Paulo.

⁴“Do Vêneto vinham camponeses puros. Já entre os lombardos entravam de contrabando cidadãos que, à primeira oportunidade, escapavam para algum centro urbano. Este movimento se agravou quando, já no início do século XX, os meridionais passaram a ser a maioria, entre os imigrantes italianos. Estes não só provinham de pequenos burgos da Calábria, da Campanha, da Basilicata ou da Sicília, onde exerciam ofícios urbanos, como devotavam ao campo, dominado, lá na terra natal, por invencíveis estruturas feudais, todo o horror que merece um sistema que identificavam com a opressão e a miséria.” Alvim, 1986 (apud Toledo, 2003: 404)

⁵Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, os números de imigrantes italianos, de acordo com a região de origem, que entraram no Brasil entre 1876 e 1920, são: **Veneto**: 365.710; **Campania**: 166.080; **Calabria**: 113.155; **Lombardia**: 105.973; **Abruzzi/Molise**: 93.020; **Toscana**: 81.056; **Emilia-Romagna**: 59.877; **Basilicata**: 52.888; **Sicilia**: 44.390; **Piemonte**: 40.336; **Puglia**: 34.833; **Marche**: 25.074; **Lazio**: 15.982; **Umbria**: 11.818; **Liguria**: 9.328; **Sardegna**: 6.113. **Totale**: 1.243.633 (De Castro Gomes: 2000).

Paiva e Moura (2008: 45) afirmam que no período entre 1890 e 1919 os italianos foram os primeiros imigrantes pela ordem de volume, seguidos pelos portugueses e espanhóis, a entrarem no Brasil. De fato, é notável o aumento da população da cidade de São Paulo nesse período, que passou, de acordo com Alterman (1987: 6), “entre 1892 e 1919, de 31.385 para 329.820 habitantes”.

Aqueles que deixavam a Itália graças às companhias de navegação e de migração, tais como o Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias (CIME) ou graças ao governo brasileiro, encaminhavam-se para as colônias das fazendas. Nesse caso, tratava-se de famílias provenientes, em especial, das zonas agrícolas do Norte, vindas para o Brasil com a provável intenção de aqui se fixarem definitivamente. Já aqueles que vinham por conta própria (quase sempre trazendo consigo um pequeno capital, com a meta de fazer fortuna e depois voltar para a terra natal), normalmente escolhiam a cidade de São Paulo.

Bettoni (1993: 414) traça o perfil sociolinguístico do imigrante italiano do Primeiro Pós Guerra:

classificado por sexo é um homem, por idade um jovem adulto, por proveniência um homem do campo ou de uma cidadezinha do interior das regiões mais devastadas, como Monferrato, Veneto, Abruzzo, Salento, Sicilia. Frequentou alguns anos de escola e conhece o ofício de camponês ou de artesão. [...] Sabe que no exterior se pode ganhar bem e vai ao encontro de algum parente ou conterrâneo que tenha partido antes dele. Quando se dá conta de que deve radicar-se no novo país, manda chamar da Itália a noiva ou a mulher.[...] Fala o dialeto de sua região italiana.

Ao explicar a situação linguística dos italianos que deixaram a Itália entre o final do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX para viver em um país estrangeiro, Bettoni (1993) atenta para o fato que, apesar de conhecerem somente o próprio dialeto, eram provavelmente mais propensos a abrir seus horizontes para além de suas realidades locais. Característica que era - afirma a autora - por óbvias razões psicológicas, típica de quem tem a coragem de tomar a decisão de emigrar. Essa facilidade de socialização em relação ao novo, ao outro, ao externo, no que diz respeito a fatos linguísticos, poderia indicar uma predisposição a conhecer o italiano standard (e não somente o próprio dialeto). Ainda assim, o italiano que falavam não era a língua standard. A variedade mais alta que conheciam era o italiano popular, definida por Berruto (1987:108) como “a variedade social do italiano [...] usada por ou típica dos estratos sociais baixos, incultos e semicultos”. Por outro lado, eles não tinham escolha: como o único modelo linguístico disponível no país estrangeiro era a língua local, aprendê-la a qualquer custo era uma imposição necessária para a sua inclusão na vida civil, para encontrar trabalho e sobreviver. Toda essa análise, porém, adverte Bettoni (____:

422), “descreve mais as tendências de um processo, outrora em curso, do que uma realidade estável”.

Retomando o percurso dos imigrantes que aqui chegavam, uma vez no Brasil, o trabalho exigia grande esforço para aqueles que iam para as fazendas: à família imigrante era confiada uma parte do terreno cultivado e seus membros se tornavam responsáveis tanto pela colheita quanto pela manutenção da terra. Essas tarefas eram realizadas também por mulheres e crianças. O salário, além de baixo, poderia ser utilizado apenas no armazém do patrão, fato este que estabelecia entre eles uma forte relação de dependência. Muitos, desiludidos, voltavam para a Itália. Mortara (1962) afirma que do total de 1.650.000 italianos que entraram no Brasil entre 1861 e 1960, 600.000 retornaram ao país natal. Outros, por sua vez, passavam de uma fazenda a outra, à procura de melhores condições de vida, ainda motivados pela expectativa de se tornarem proprietários de um pedaço de terra - objetivo, às vezes, de fato alcançado.

A cidade de São Paulo foi procurada por muitos trabalhadores que pretendiam escapar das duras condições vividas nas fazendas. O centro urbano poderia oferecer a eles outras possibilidades de trabalho. Aqueles que conheciam um ofício como, por exemplo, ferreiros, carpinteiros, confeitheiros, jornaleiros e operários da indústria têxtil, especialmente, optaram pelas zonas urbanas, com especial predileção pela capital paulista.

Realizava-se, assim, a inclusão social dos imigrantes, que precisavam se integrar ao novo mundo e assumir um papel na sociedade brasileira. Em São Paulo, a participação deles em atividades artísticas e esportivas foi expressiva. Foi originalmente italiano, por exemplo, o time paulistano de futebol “Palestra Italia” (o atual Palmeiras), fundado em 1914, cujo nome mudou durante a Segunda Guerra Mundial. Trento (1988: 106) diz que:

tal simbiose, rapidamente estabelecida sobretudo entre as classes populares, deu origem, entre outras coisas, a um falar no qual misturavam-se termos italianos e brasileiros, uma espécie de portuliano, testemunhado também nas cartas enviadas para a Itália, documentos raros mas preciosos de uma realidade em transformação. Em compensação, os nativos que viviam em maior contato com os imigrantes apoderaram-se de palavras e de expressões italianas, muitas vezes deturpando-as, a começar do popularíssimo ciao.

Massa (1995: 116) lembra que o comércio varejista na cidade de São Paulo foi, por um longo período, uma atividade prevalentemente italiana. Esse momento da vida da cidade é recordado com um fato anedótico: o surgimento do termo *carcamano*, que significa *calcare la mano sulla bilancia* (‘*carcare*’ la mano), isto é, apoiar a mão sobre o prato da balança para roubar no peso do produto que estava sendo vendido. Outro episódio que

caracterizou o período de fixação dos imigrantes na cidade foi a chegada de religiosos italianos, fato que ajudou a tornar menos penoso o processo de adaptação e de integração na nova sociedade.

Os italianos em São Paulo se reuniram em bairros e vilas de operários, onde era costume recordar suas tradições culturais por meio de festas importadas da terra de origem. Reunidos, reviviam usos e costumes oriundos do país natal, o que compreendia a prática da língua materna, como modo de conservar as próprias raízes. Dentro dessas comunidades, aqueles que não possuíam capital para iniciar uma atividade tentavam ganhar a vida como operários nas fábricas. Eles viviam amontoados em casas rudimentares, privados de qualquer direito, quando não enfrentavam longos períodos de desemprego. O número expressivo de imigrantes italianos na primeira geração da classe operária paulistana era muito evidente: “Nos bondes, pelas ruas, nas lojas e nas fábricas, os dialetos italianos eram tão comuns quanto a língua portuguesa. *São Paulo* tornou-se *Zan Paolo*. O *queijo* tornou-se *formaggio*. E o *trabalho*, *lavoro*”. (Rodrigues; Di Francesco, 2006). De acordo com Toledo (2003: 460), naquela época houve quem comparasse os paulistas aos “ianques”⁶ e eram frequentes as referências que se faziam à italianização da cidade, “algo que saltaria à vista do mais desatento dos observadores”.

Foi também nesse período que chegaram famílias, hoje tradicionais em São Paulo, como a Crespi e a Matarazzo⁷ que, com certo capital, corajosamente, fundaram suas fábricas na cidade. De acordo com Santoro de Constantino (2000: 38),

o bairro paulistano do Brás foi a zona preferida pelos italianos que se estabeleceram na capital, mas estes ocuparam também outros bairros da cidade: Mooca, Bom Retiro, Belenzinho, Canindé, Bexiga, Pari, Vila Carrão e Santana. Agrupavam-se, tendencialmente, de acordo com a proveniência: no Brás, concentraram-se principalmente os de Nápoles e os da Puglia; os calabreses ocuparam o Bexiga; os vênnetos, o Bom Retiro.

⁶ Citando Rui Barbosa que, como ministro da Fazenda, teria proferido no *Edson's Last Phonograph*: “São Paulo é a expressão do espírito *yankee*, amenizado e perfumado pela graça do gosto italiano”, episódio recordado depois por Raffard, no livro *Alguns dias na Paulicéia*.

⁷ “Francesco Matarazzo, filho de um advogado e funcionário público de Castellabate, na província de Salerno, chegou ao Brasil em 1881, aos 25 anos, já casado e pai de dois filhos, com a ideia de dedicar-se ao comércio de banha. Estabeleceu-se primeiro em Sorocaba, e em 1890 mudou-se para a capital, onde se transformaria na maior e mais lendária figura entre os pioneiros da indústria paulista. Dizia ele que nunca desejou ter “*quello che si chiama padrone*”. Como Matarazzo, nas décadas de 1880 e 1890, foram chegando Rodolfo Crespi, Pinotti Gamba, Alessandro Siciliano. Todos traziam algum capital, e cumpriram trajetória semelhante: primeiro estabeleceram-se como comerciantes importadores, para depois dar o salto rumo à indústria. Os casos de outros dois notáveis dos primórdios da industrialização, Nicolau Scarpa e Dante Ramenzoni, configuram exceções à regra. Ambos chegaram com a turma da terceira classe. Scarpa acabou dono de fábricas de tecidos e produtos alimentícios. Ramenzoni constituiu uma famosa fábrica de chapéus.” DEAN, 1994 (apud Toledo, 2003: 407)

De fato, *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi o título dado por Antônio de Alcântara Machado às suas novelas paulistanas: em um cenário suburbano, o imigrante pobre e suas primeiras gerações brasileiras tinham como característica exacerbada (a ponto de se tornar estereótipo linguístico do cidadão ítalo-brasileiro por gerações sucessivas) a oralidade marcada pela mistura das duas línguas, o chamado ‘português macarrônico’, que justapõe traços do italiano e do português numa só estrutura, híbrida e caricata. Seus diálogos são caracterizados pela inserção de palavras ou inteiras frases em italiano e pela pronúncia à italiana de segmentos fonológicos do português, indicados na grafia de seus textos como forma de reproduzir a fala das personagens.

A mesma diversidade que caracteriza a disputa entre as duas línguas encontra-se em Adoniran Barbosa⁸, cujas letras de música representam legitimamente a modalidade oral da variedade paulistana. Conforme Toledo (2010), “a língua que Adoniran caricaturou nas canções mistura o caipira com o italianado, duas vertentes centrais da expressão popular da cidade. A São Paulo que conheceu era um caldeirão de influências que se refletia na língua do povo”. Em seguida, completa, “Adoniran captou nas ruas um ‘paulistanês’ que nenhum habitante da cidade deixará de reconhecer como característico”.

Um terceiro exemplo é o poeta brasileiro (que, curiosamente, não tinha ascendência italiana) Alexandre Marcondes Machado, ou Juó Bananére⁹. Sua principal obra foi o livro *La Divina Incrensa* (parodiando a *Divina Commedia*, de Dante Alighieri) editado pela primeira vez em 1915 e reeditado em 1994. Todos os seus textos, desde artigos para periódicos a panfletos, eram marcados por uma linguagem satírica e autolaudatória. Como Adoniran Barbosa, o poeta reproduzia a fala misturada que se ouvia pelas ruas da cidade, onde o português caipira e o italiano compunham uma espécie de interlíngua local. Juó Bananére intitulava-se “Gandidato à Gademia Baolista di Letteras” (Candidato à Academia Paulista de Letras, onde as oclusivas surdas são substituídas pelas respectivas sonoras, para caracterizar o sotaque típico de imigrantes provenientes de algumas regiões do Sul da Itália). É digna de nota a sua paródia ao poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, no qual características morfológicas e fonéticas do italiano se infiltram na estrutura do português brasileiro:

⁸ Nome artístico de João Rubinato (1912-1982), filho de imigrantes do Vêneto, nascido em Valinhos, SP. Segundo Toledo (2010), talvez pelo fato de ter se estabelecido na cidade somente aos 22 anos de idade, o compositor tivesse desenvolvido um ouvido especial para captar o som das ruas.

⁹ Nascido em Pindamonhagaba, SP, em 1892 (ocasião em que acontecia o primeiro grande movimento migratório de italianos para o Brasil). Falecido em 1933.

*Migna terra tê parmeras,
 Che ganta inzima o sabiá.
 As aves che stó aqui,
 Tambê tutti sabi gorgéa. (Bananére, [1915]2010)*

A paródia ao poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, mostra traços característicos do caipira, misturados com elementos fonológicos do italiano: a redução do ditongo [ei] em ‘bringadera’ e ‘bananera’, o apagamento da lateral final em ‘bambuzá’ e a assimilação da oclusiva em ‘bulino’, comuns ao dialeto caipira; a não-realização do ditongo nasal [ãw] em ‘insgugliambaçó’ e a ausência da marca de plural em /s/, inexistente no sistema do italiano, em ‘os meus otto anno’ ‘das bananera’. ‘as notte’ e ‘nus bondi’.

“Meus oito anos”

Casimiro de Abreu

[...]

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que
 flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 - Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar é - um lago sereno,
 O céu - um manto azulado,
 [...]"

“Os meus otto anno”

Juó Bananére

O chi sodades che io tegno
 D'aquillo gustoso tempigno,
 Ch'io stava o tempo intirigno
 Bringando co'as mulecada.
 Che brutta insgugliambaçó,
 Che troça, che bringadêra,
 Imbaxo das bananera,
 Na sombra dos bambuzá.

Che sbornia, che pagodêra,
 Che pandiga, che arrelia,
 A genti sempre afazia
 Nu largo d'Abaxo o Piques,
 Passava os dia e as notte
 Brincando di scondi-scondi,
 I atrepáno nus bondi,
 Bulino cos conduttore. [...]"

A realidade é que os bairros periféricos da Capital eram continuamente ocupados pelas colônias italianas com suas falas originárias. Àquela altura, o processo era irreversível: no início do século XX, mais de 80% dos operários ativos em São Paulo eram italianos¹⁰. De acordo com Morse 1954 (apud Toledo, 2003: 406),

Em 1878, dois italianos, Ludovico Dal Porto e Francesco Casini, fundaram uma fábrica de massas. Em São Paulo, até então, pouquíssimos saberiam o que era um espagete. A fábrica localizou-se no Brás. A lógica era instalar as indústrias junto às linhas das estradas de ferro, e foi assim que o Brás, antigo recanto bucólico, onde despontavam as chácaras e uma ou outra habitação isolada, mudou radicalmente de personalidade, e tornou-se o primeiro e, por muitos anos, mais importante bairro industrial de São Paulo. Destino semelhante teve o Bom Retiro, antigo domínio do fazendeiro, político e empresário Joaquim Egídio de Sousa Aranha, o marquês de Três Rios, que ali mantinha uma chácara com o nome que seria herdado pelo bairro. O Bom Retiro tinha a vantagem de ficar colado à estação da Luz. Claro que, onde se estabelecessem as fábricas, se estabeleceriam de preferência os operários. E foi assim que tais bairros tornaram-se também os preferidos dos imigrantes para morar. O Diário Popular de 2 de março de 1892 saudava “o canto alegre e ruidoso do italiano no trabalho”, e acrescentava que o “barulho das forjas” por eles operadas anunciava “uma fábrica gigantesca de futuros paulistas – nova geração, destinada, pela hereditariedade operária do Velho Mundo, a transformar completamente, para melhor, o aspecto físico e comercial de nossa terra”.

Em pesquisa sociológica, Ribeiro Durham (1966: 55) explica a importância da presença dos imigrantes na transformação da sociedade brasileira, que passou de um regime de escravidão a uma sociedade de trabalhadores livres. De acordo com a socióloga, “paralelamente à classe dominante dos grandes latifundiários, formou-se uma classe média urbana colocada exatamente entre os fazendeiros e os colonos”. Essa nova classe social teria tido acesso aos canais de promoção social que permitiram integrar alguns dos seus componentes na camada social dominante. E, continua:

A integração do imigrante na sociedade representa, portanto, uma força dinâmica da sua formação e transformação visto que implica, desde o início, uma diferenciação progressiva da sociedade escravista anterior. A formação de colônias de trabalhadores livres é um estímulo ao desenvolvimento urbano e às atividades comerciais e industriais (artesanais), já que aqueles indivíduos constituem também um mercado para o desenvolvimento destas atividades.

Os italianos trouxeram também, além da força de trabalho para as atividades comerciais e para a indústria, ideias anarquistas e socialistas. Como narra Santoro de

¹⁰“Despontavam os italianos como presença significativa nas fábricas. Mas as únicas cifras suficientemente exatas são as de 1900, quando a estatística de todo o Estado calculava que os operários italianos chegavam a 81%” (_____: 41).

Constantino (2000: 43),

em São Paulo, os operários socialistas reuniram-se em torno da Associação Geral dos Operários e a cidade tornou-se o principal centro socialdemocrático do país, onde circulavam jornais importantes. Entre 1889 e 1900, houve cerca de 12 greves só na cidade de São Paulo. Ainda em 1900, foi fundado o jornal “Avanti!”, que tornou-se o principal veículo de difusão das ideias socialistas, dirigido por Alcebiades Bertolotti, Antonio Piccarolo e Vicente Vacirca.

Depois de 1920, alguns anos após o declínio do primeiro grande fluxo de imigração, os italianos tornaram-se a maioria absoluta da população adulta de São Paulo. A especialista em literatura de viagem, Adamo (2006), cita as impressões e o comentário do italiano Ernesto Bertarelli, de 1921, que havia visitado a cidade nas décadas precedentes e a descreve assim como era nos anos da explosão da emigração da Itália, lembrando que a língua italiana era ali falada de modo muito expressivo:

Lembrança inesquecível: São Paulo [...] Poucas cidades podem se orgulhar de um desenvolvimento tão rápido [...] e [ainda que] todos lamentem que São Paulo com quase seiscentos mil habitantes em razão de suas edificações tenha uma superfície muito mais extensa do que a de Roma e tão grande quanto a de Paris [...] **pelo menos metade de seus cidadãos são italianos ou filhos de italianos e em alguns bairros se ouve falar só o italiano** (tradução nossa) (grifo nosso)

No período entre as duas guerras mundiais, o governo brasileiro tentou frear com medidas repressivas a expansão de culturas estrangeiras dentro do país: o italiano e outras línguas estrangeiras (como o alemão e o japonês) foram pontualmente interditadas durante as guerras mundiais e durante o Estado Novo (1937-1945), no contexto nacionalista próprio à década de 1930 (Payer; Bolognini, 2006). Este fato, inibindo sensivelmente a prática das línguas dos imigrantes, acabou por discriminar seus falantes, estigmatizando sua língua e seus sotaques. Isso fez com que os falantes italianos (e, mais tarde, seus descendentes) monitorassem suas falas para evitar as interferências, nem sempre conseguindo esconder os traços caracterizantes da língua materna. É claro que não se tratavam, absolutamente, de línguas de prestígio: pelo contrário, faziam parte das chamadas ‘variedades baixas’ (Bettoni, 1998). A esse respeito, Spessato e Görski (2003: 1066), em estudo sobre a realização do fonema vibrante /r/ por atuais descendentes de italianos na cidade de Chapecó, Santa Catarina, afirmam:

Não são raras as ocasiões em que se percebem as imitações debochadas da fala dos italianos, que misturam palavras ou trocam fonemas, na comunicação em português. Esses descendentes são, na maioria dos casos, a quarta geração dos imigrantes que vieram para o Brasil no início do século XX. Embora exista essa distância temporal e a língua dos antepassados, dialetos do Norte da Itália, praticamente não se manifeste mais, algumas características próprias desses dialetos ainda estão presentes, passando de geração a geração. Essas características podem ser identificadas, empiricamente, pela substituição de encontros vocálicos nasalizados de finais de palavras como em [mon] (mão), lateralização de /l/ em palavras como

[sal], pronunciadas normalmente no português brasileiro como [saw] e, particularmente, troca da vibrante múltipla pela simples em contextos intervocálicos, como em [karo] (carro).

No Segundo Pós-Guerra teve lugar uma nova fase de imigração no Brasil, mas com modalidades diversas em relação à precedente: o governo brasileiro buscava, nesse período, uma mão-de-obra que fosse altamente qualificada e, por isso, os que imigravam tiveram de se adaptar às novas exigências do país que os recebia, mudando também as próprias expectativas segundo a nova condição. Deveriam ser homens e mulheres que conhecessem um ofício: costureiras, alfaiates, motoristas, carpinteiros, mecânicos, ferreiros, pedreiros, padeiros e confeitários. O perfil do imigrante mudou, mas não o seu desejo de encontrar melhores condições de vida em relação àsquelas vigentes numa Itália que sofria os efeitos da derrota na Segunda Guerra Mundial. O número de italianos que imigraram entre 1946 e 1960 foi inferior – 110.932 – mas não menos significativo do que o daqueles que partiram antes (Facchinetti, 2004).

É importante lembrar que a língua italiana era ensinada oficialmente nas escolas brasileiras, especialmente aos filhos de italianos, já a partir do século XX. É de 1905 a primeira edição do *Curso teorico-pratico da Lingua Italiana para uso dos alumnos dos gymnasios e estabelecimentos de ensino particular do Brasil*¹¹, de Camillo Vanzolini, dos Editores Fratelli Bertolotti. O autor, no prefácio da primeira edição, dedica a sua obra ao Estado de São Paulo, “o primeiro entre os estados brasileiros a tornar obrigatório o ensino e o estudo do idioma italiano nos liceus oficiais fazendo mérito à gratidão e ao reconhecimento à Itália e à colônia italiana”. Além do ensino da língua nas escolas brasileiras, foi enorme a difusão das escolas primárias italianas no Brasil. Elas alcançaram o número máximo de 396, em 1913, das quais 187 estavam no estado de São Paulo (Trento, 2000). Toledo (2003: 460) cita o Colégio Italiano situado na ladeira de São Francisco como uma das cinco escolas dessa nacionalidade existentes na capital paulista. Entre as causas deste fenômeno, afirma Trento (2000), havia o desejo que os filhos mantivessem os vínculos [...] com a pátria, antes de tudo por meio do exercício da língua.

Acompanhando o surgimento das escolas italianas, foi surpreendente o imenso número de publicações periódicas em italiano - jornais, diários, semanais, mensais etc.- entre

¹¹Uma recensão publicada na revista “Nuova Antologia”, fascículo de 16 de janeiro de 1906, apresenta a gramática de Vanzolini: “Il Prof. C. Vanzolini, professor de italiano no Brasil, onde, como é sabido, fala-se o português e são tantos os italianos e é oficial o ensino da nossa língua, compilou esta gramática, realizando uma obra digna de louvor.” Vanzolini (1925: 9).

1875 e 1960¹². Ainda de acordo com Trento (1988: 107):

mais de 500 títulos em língua italiana, dos quais mais de 300 estavam na capital paulista e uma cifra oscilante entre 50 e 60 no interior do estado de São Paulo, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Uma parte destas publicações era expressão das correntes operárias da emigração – e merecem ser recordados pelo menos o socialista “Avanti” e o anarquista “La Battaglia” – mas as publicações políticas cobriram um arco ideológico muito mais amplo, que reunia liberais, católicos, monarquistas, republicanos e, no período entre as duas guerras, fascistas e antifascistas. Além das folhas de informação, havia jornais e revistas para todo tipo de público: boletins de seguradoras, órgãos regionais, publicações econômicas, literárias, artísticas, humorísticas, esportivas, de moda e até para crianças.

Toledo (2003: 460) registra as impressões que teve o visitante Henrique Raffard, filho do cônsul-geral da Suíça no Rio de Janeiro, em visita à cidade entre os meses de março e maio de 1890, e publicadas depois no livro *Alguns dias na Paulicéia*: “Raffard achou divertido ver sair das tipografias o enxame de ‘bambini’ que vendiam jornais nas ruas. Eles se punham em campo antes do raiar do dia, para os matutinos, e depois das oito da noite, para as folhas da noite”. Naquela época, Raffard calculou em 24 mil, o número de italianos na cidade, em uma população de aproximadamente 70 mil pessoas.

Dados estatísticos recentes mostram a participação do povo italiano na composição da atual população paulistana. Conforme Rodrigues e Di Francesco (2006), “estima-se hoje um contingente de cerca de seis milhões de italianos e descendentes somente na cidade de São Paulo”.

Em suma, a capital paulista foi fortemente influenciada pelo fenômeno migratório, com todas as suas implicações diretas e consequenciais - do trabalho braçal à implementação da indústria, das primeiras greves à tradição gastronômica – mas o ponto ao qual se quer chegar é a componente linguística, em suas várias formas e manifestações, intensamente intercambiada entre os dois povos e que, “especialmente em São Paulo, marcou a língua portuguesa” (Picchio, 1995). A esse respeito, é bastante oportuno o depoimento de Payer e Bolognini (2006) no artigo *Língua dos Imigrantes*, segundo o qual as variedades italianas teriam se misturado ao português e, por isso, as populações das regiões onde a imigração foi mais intensa falam a própria língua com traços do italiano. “É o caso da cidade de São Paulo”, afirmam. Os elementos interferentes ou intercambiados estão presentes na fonologia, no léxico e na morfossintaxe dos dois sistemas. Além disso, é comum a prática de mesclar italiano e português com fragmentos de discursos, provérbios e expressões das duas línguas.

¹² Este dado surpreende, de acordo com Trento (1995: 130), porque apesar do número muito elevado de imigrantes, a grande maioria era analfabeta ou semianalfabeta, submetidos a uma carga horária de trabalho massacrante e com pouco espaço para a leitura.

Como demonstram os fatos históricos, o contato entre as duas línguas existiu. É a partir dele que se chega à interferência e, às vezes, à mudança, em níveis diversos da estrutura gramatical. Amadeu Amaral (1976: 42), com quem se abriu este capítulo, já no início do século passado, previu as consequências da pressão que as línguas dos imigrantes estrangeiros exerciam sobre o português de São Paulo. Viu crescer na cidade a população estrangeira que, segundo ele, “infiltrava suas influências” em níveis ainda pouco sensíveis naquele momento, mas que se fariam notar mais adiante no tempo. O autor do *Dialeto Caipira* ia além, dizendo que os filhos dos italianos se adaptavam muito facilmente à fonética de São Paulo, mas que, na verdade, traziam-lhe modificações fisiológicas imperceptíveis, que se revelariam, aos poucos, em fenômenos diversos dos que até então se notavam”.

2. As variantes do português paulistano: uma análise qualitativa

As variedades regionais do português no Brasil são bem reconhecidas. Elas “se identificam com seus signos e, por isso mesmo, o que as define são suas diferenças, não as semelhanças” (Timóteo, 2006). Para exemplificar essa heterogeneidade, o mesmo autor diz que “isso pode ser percebido pelo ‘chiado’ no falar do carioca e do amazonense, pelo sotaque típico dos nordestinos ou mesmo pela influência de imigrantes – fato constatado na cidade de São Paulo – onde é grande a presença de italianos e seus descendentes”.

A esse propósito, a interposição entre o italiano e o português em São Paulo, verificada a partir do momento em que as duas comunidades de falantes passaram a compartilhar o mesmo espaço físico, é lembrada várias vezes no capítulo anterior: Angelo Trento (s.d.: 106) usa o termo *portuliano* para explicar a confusão linguística feita pelos italianos por causa da mistura dos dois idiomas e cita as cartas enviadas para a Itália como documentos que testemunham esse fato. Em contrapartida, segundo o mesmo autor, os brasileiros “se apoderaram de palavras e expressões italianas, muitas vezes deturpando-as, a começar pelo popularíssimo *ciao*”. Rodrigues e Di Francesco (2006) lembram a forte presença dos dialetos italianos nas ruas da capital paulista, nas primeiras décadas do século XX, quando “*São Paulo* tornou-se *Zan Paolo*”. Payer e Bolognini (2006) dizem que “no Brasil as variedades do italiano misturaram-se ao português de modo que em regiões de densa imigração a população fala o português com traços do italiano” e, prosseguem, “estes traços estão presentes na fonologia, no léxico, na morfossintaxe e na prática mesclada das línguas”.

O que parecia à primeira vista um autêntico caos linguístico era, na realidade, causado pela convivência, em um mesmo território, de duas comunidades diferentes, cujos usos linguísticos eram bastante distintos. Cabe aqui recordar um dos conceitos básicos da Sociolinguística, a noção de ‘comunidade linguística’, que define uma comunidade social que compartilha determinados traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. Para a Sociolinguística é importante saber qual é a atitude do falante em relação à variedade que pratica. Quando uma delas distingue um grupo (socioeconômico, étnico ou etário), se diz que ela é dotada de valor social e se torna o que Labov (2008) chama de ‘marcador’ sociolinguístico.

No caso dos imigrantes, alternavam-se, na própria comunidade italiana, seus dialetos de origem com uma variedade de italiano popular. Além disso, nas relações com os brasileiros se requeria o uso da língua portuguesa, uma vez que os paulistanos eram

monolíngues. Dois códigos conscientemente diferentes para o falante compartilharam os âmbitos comunicativos de acordo com regras sociais bem precisas. Inevitavelmente, as variedades faladas pelos italianos passaram a fazer parte, de forma expressiva, do universo linguístico dos paulistanos.

Grassi, Sobrero e Telmon (2004:183) analisam esse tipo de situação considerando a existência de vários graus de bilinguismo¹³: a posse ativa de um código e passiva de outro ou ativa de um e parcialmente ativa de outro, por exemplo. Existiriam, segundo eles, vários pontos de um *continuum* de situações, cada uma das quais induziria ao uso de específicas modalidades linguísticas. Em prática, um italiano bilíngue recorre ao português em uma conversa com um paulistano monolíngue, mas utiliza o italiano quando fala com seus conterrâneos bilíngues. A escolha do código estaria sendo adequada, assim, ao seu interlocutor, mas esses dois casos seriam somente os extremos de um *continuum* de escolhas. Os dois falantes italianos podem alternar, também, as modalidades italianas (língua e dialeto) entre si e estas com o português. Podem até mesmo misturá-las, dentro de uma mesma frase ou de uma mesma palavra, são várias as situações intermediárias.

Para explicar o contato entre dois sistemas linguísticos em situação de bilinguismo, Uriel Weinreich (1974: 3) considera que “duas ou mais línguas poderão dizer-se em contato quando são usadas alternativamente pelas mesmas pessoas”, e conclui que “o lugar do contato é então constituído pelos indivíduos que usam as línguas”. Os brasileiros que conviveram com os imigrantes italianos não eram, obviamente, itálofonos; os italianos, por sua vez, tornaram-se obrigatoriamente bilíngues: falavam sua língua materna, mas tiveram que aprender o português¹⁴.

A realidade linguística do imigrante era bastante complexa e compreendia o seu dialeto local, o italiano e a nova língua. O termo ‘italiano’, contraposto ao português, envolve todas as variantes emigradas, inclusive os dialetos, mas quando contraposto a ‘dialeto’ deve ser entendido especificamente como língua, mais ou menos popular, mais ou menos standard (Bettoni, 1993). Mesmo assim, apesar dos obstáculos que comporta a aprendizagem de uma língua estrangeira, houve quem, entre os imigrantes, aprendesse bem a língua local. Nesse caso, Bettoni (1993: 419) chama a atenção para o fato que é importante verificar se a

¹³ O bilinguismo é um fenômeno individual, que se observa quando um falante é capaz de usar duas ou mais variedades linguísticas. A diglossia é um fenômeno coletivo, através do qual uma comunidade atribui a duas variedades linguísticas, funções comunicativas diferentes.

¹⁴ “E lá [no Brasil] é língua necessária, a ser aprendida realmente, porque é instrumento para a comunicação quotidiana, sem hipotecas intelectuais e sem a mediação de outra língua” (CARDONA, 1995: 210) (tradução nossa). Em 1894, foi editada, na cidade italiana de Gênova (de cujo porto partiu a maior parte dos imigrantes que se fixaram no Brasil), o *Primeiro curso completo da língua portuguesa brasileira para uso dos italianos*, escrito por Gaetano Frisoni.

aprendizagem foi controlada pelo próprio imigrante ou se ocorreu de forma passiva. A diferença, diz ela, é fundamental porque:

No primeiro caso, a inserção na nova sociedade e a conquista do bem-estar econômico acontecem de modo harmônico, acompanhados da conservação da cultura e da língua de origem; no segundo caso, o pretexto de adaptação ao modelo da sociedade considerada superior leva à alienação da pessoa, consumada em nome de um sucesso discutível, e a aprendizagem da nova língua é acompanhada da negação do dialeto e do italiano. (tradução nossa)

São diversas as situações criadas num primeiro contato entre línguas. Muitas vezes os imigrantes de primeira geração, limitados por fatores como a idade já um pouco avançada, os matrimônios com pessoas da mesma nacionalidade ou o baixo grau de socialização causado por constantes mudanças de um local para outro, se contentam com um nível razoável de conhecimento da língua estrangeira e depositam nos filhos, nascidos no novo país, a expectativa de se tornar um falante nativo. É comum também que os próprios filhos, por sua vez, recebam a socialização primária na língua usada em casa. Se os pais falam dois dialetos muito diferentes, ou se o entorno onde vivem é altamente italianizado e articulado, o italiano popular passa a ser a segunda língua usada pelos membros da família. O português, num caso como esse, seria a terceira língua a ser aprendida.

Um fenômeno comum a todas as comunidades bilíngues, e, particularmente frequente naquelas emigradas, é a chamada ‘alternância de códigos’. Grassi, Sobrero e Telmon (2004) atribuem este fato à presença, entre os falantes, de vários tipos de bilinguismo e de plurilinguismo. Bettoni e Rubino (1996) em um estudo realizado na Austrália, com imigrantes italianos, notaram que os falantes alternavam três códigos: inglês, italiano e dialeto, de acordo com a situação comunicativa (trabalho, família, igreja, negócios, escola etc). Em um monólogo interior (falando consigo mesmo) ou em família, o falante utilizava o dialeto e o inglês, e não o italiano; nas relações de amizade as três línguas tinham uma possibilidade de escolha análoga, mas à medida que o falante se afastava das situações de informalidade ou familiaridade, prevalecia o italiano no lugar do dialeto e do inglês. No trabalho e na escola prevalecia o inglês, antes do italiano e bem distante do dialeto.

Nesse tipo de contexto, completamente instável, os limites entre as línguas dos imigrantes (dialeto e italiano) e a língua estrangeira, no caso de São Paulo, o português, são permeáveis. Como se viu no exemplo australiano, o uso permite que se alternem tanto as línguas do repertório antigo dos imigrantes, quanto elas e a língua local, de acordo com a situação.

A permeabilidade é antes de tudo funcional, no sentido que os âmbitos de uso – e, por conseguinte, as funções – das duas línguas não podem ser rigidamente separados. Acontecem não somente situações em que a escolha de uma ou de outra língua é um fato mais individual do que social, mas também situações em que as duas línguas se alternam uma com a outra. Os usos, mais individual e mais alternado das duas línguas, fazem com que, com o tempo, elas se misturem e interfiram uma na outra. (Bettoni, 1993: 417) (tradução nossa).

Através do esquema abaixo, Bettoni (1993: 416) explica a posição diglótica das línguas do repertório verbal dos italianos fora da Itália:

	variedade alta	língua do novo país
VARIEDADES ALTAS	-----	
	variedade baixa	dialeto do novo país

	variedade alta	italiano popular
VARIEDADES BAIXAS	-----	
	variedade baixa	dialeto italiano

Diversos estudos ocuparam-se das interações entre o italiano e o português nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Caprara (1993) fornece detalhes sobre o contato entre as variedades italianas e o dialeto paulistano e a interferência que este último exerceu sobre o italiano. As duas línguas em questão – o italiano e o português – apresentaram conformações novas em consequência das influências recíprocas que sofreram. Sendo assim, o italiano que se fala em São Paulo não é, por vários motivos, a mesma língua falada na Itália. Segundo a mesma autora:

Poucos [italianos transferidos para São Paulo] mantinham uma competência satisfatória na língua materna, com interferências devidas ao ambiente em que viviam há décadas, às mudanças culturais que aconteceram neste ínterim e à falta de atualização linguística em relação às transformações sofridas pelo italiano na Itália. É de ressaltar o fato que estas pessoas, especialmente em situações formais, mostravam-se sobretudo conservadoras em matéria de língua e, em confronto ao italiano atual, faltava soltura (Caprara, 1993).

Em outras pesquisas, o tema foi abordado com enfoque no âmbito lexical¹⁵. O

¹⁵ BACCIN, Paola. *Italianismos na terminologia gastronômica na cidade de São Paulo*: um modelo de glossário. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de São Paulo. PONSÓ, TSAI, Marisa Castellano. *Palavras da memória*: uma análise lexical das interferências da língua portuguesa na língua italiana falada por italianos na cidade de São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Italiana) Universidade de São Paulo. GALUCHI, Sonia Maria. *São Bernardo do Campo: os imigrantes italianos entre a língua materna e a língua adquirida*. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Italiana) Universidade de São Paulo.

presente estudo elege como objeto de sua investigação o aspecto puramente fonético-fonológico, como portador de possíveis variações incorporadas pela língua. Interessa aqui indagar se determinadas propriedades sonoras do dialeto paulistano poderiam estar correlacionadas à pronúncia do italiano.

De fato, uma das características da fala paulistana é a percepção, que os falantes do português brasileiro têm, de uma “versão italianizada” da língua portuguesa por parte dos habitantes da cidade de São Paulo. Daí a sugestão de que o contato entre os dois sistemas tenha criado formas novas na maneira paulistana de pronunciar certos segmentos fonológicos da própria língua.

Tais características do português paulistano coincidem com algumas formas do italiano e, ao mesmo tempo, parecem circunscrever-se aos limites da capital paulista¹⁶. Constituem variantes típicas do falar de São Paulo porque estão inseridas em um universo maior, representando variações sincrônicas do português brasileiro. Dentro deste contexto e de acordo com os critérios labovianos, essas variações possuem “propriedades úteis para servir de foco para o estudo de uma comunidade linguística: são frequentes, estruturais e altamente estratificadas” Labov (2008[1972]: 26). São elas:

-a pronúncia do /r/ como tepe em fim de sílaba: [‘karta] em co-ocorrência com [‘kaXta] e [‘kahta], [mar] em co-ocorrência com [maX] e [mah];

-a pronúncia dental de /t/ e /d/ em contextos fonológicos nos quais é mais comum, no português brasileiro, a palatalização destas consoantes (/t/ e /d/ seguidos de /i/): [‘tia] em co-ocorrência com [‘tʃia], [‘dia] em co-ocorrência com [‘dʒia];

-o uso menos freqüente de vogais nasalizadas em relação aos falares de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro e dos estados do Nordeste, por exemplo (Cristofaro Silva, 1998); c[a]mareira em co-ocorrência com c[ã]mareira; [‘ɔ]mem em co-ocorrência com [‘õ]mem;

-a ditongação da vogal nasal /ẽ/ em fim de sílaba: [pẽjsa’mẽjto] em co-ocorrência com [pěsa’měto]; [movi’mějtu] em co-ocorrência com [movi’mětu];

-a pronúncia das vogais finais [a], [e] e [o] em posição postônica, em final de palavra, em co-ocorrência com [ɐ], [ɪ] e [ʊ], mais comuns em quase todos os outros falares brasileiros. Os casos mais comuns são contextos alocutivos;

-a semivocalização das vogais [i] e [u] em palavras como frio [‘frjw] e rio [‘rjw], monossílabos com ditongos decrescentes, em co-ocorrência com [‘friʊ] e [‘riʊ], bissílabos;

¹⁶ Algumas delas podem ocorrer também em dialetos da região Sul do Brasil, pelos mesmos motivos.

[ita'ljanɔ], com ditongo crescente, em co-ocorrência com [itali'anɔ], forma com hiato. As formas ditongadas apresentadas acima ocorrem em São Paulo, além das formas que apresentam as duas vogais em sílabas distintas.

É importante lembrar que a observação das variantes acima se fez de forma ainda preliminar: a fim de catalogar as variedades regionais brasileiras, foram realizadas 12 entrevistas (Amostra 1), com falantes provenientes dos estados da Bahia (2 informantes), de Minas Gerais (2 informantes), do Distrito Federal (1 informante), do Ceará (1 informante), do Rio de Janeiro (2 informantes), do Rio Grande do Sul (2 informantes) e de São Paulo (2 informantes: um dos quais nasceu e vive na Capital, São Paulo, e o outro, do interior do Estado, viveu na cidade mais de um terço de sua vida). As entrevistas foram subdivididas em fala casual, estilo de leitura e listas de palavras e foram realizadas no primeiro semestre de 2006, numa fase anterior da presente pesquisa. A amostra visava à comparação entre as variedades mineira, baiana, cearense, brasiliense, gaúcha, paulista e paulistana, no que diz respeito às variantes em estudo. Com base nessa exploração prévia é que se verificam suas ocorrências nas áreas de interesse. Em uma etapa seguinte, para uma análise específica sobre a pronúncia do /r/, foram ouvidos outros 15 informantes (Amostra 2), dessa vez todos da cidade de São Paulo, estratificados em faixa etária, sexo e nível de escolaridade. Partes das duas amostras serão aqui reutilizadas.

2.1 A pronúncia do /r/ em coda

O /r/ em coda no português brasileiro, assim como outras consoantes, apresenta variabilidade no seu uso, motivada tanto por fatores lingüísticos, como o contexto fonético, a distribuição complementar ou livre, quanto por fatores extralingüísticos, geográficos e sociais. A variabilidade deste fonema pode se explicar pela sua posição na sílaba ou no vocábulo como também pode se tratar de uma variante livre, isto é, ocorre de acordo com a comunidade que a usa, característica de um grupo social ou regional (Camara Jr., 1977). Sua pronúncia, em conformidade com Cristófaró Silva (1998), não apresenta um par de palavras que se diferenciem pelo vozeamento ou desvozeamento da consoante (par mínimo). Por isso, os sons do /r/ podem ser percebidos auditivamente da mesma maneira e são sete as suas possibilidades de uso:

-X (fricativa velar desvozeada), em rata ['Xata], marra ['maXa], mar '[maX] e carta ['kaXta], que a fonologista classifica como “pronúncia típica do dialeto carioca”;

-ɣ (fricativa velar vozeada), em carga [‘kaɣga], também pertencente ao dialeto carioca;

-h (fricativa glotal desvozeada), em rata [‘hata], marra [‘maha], mar [‘mah] e carta [‘kahta], definida como “típica da pronúncia de Belo Horizonte”;

-ɦ (fricativa glotal vozeada), em carga [‘kaɦga], também pertencente ao dialeto de Belo Horizonte;

-r (tepe alveolar vozeado), em cara [‘kara], prata [‘prata], mar [‘mar] e carta [‘karta], explicado como “uniforme em posição intervocálica e seguindo consoante em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer em articulação alveolar ou dental. Em alguns dialetos ocorre em final de sílaba em meio de palavra: ‘carta’ ou em final de sílaba que coincide com final de palavra: ‘mar’”. Apesar da observação de Ferreira Neto (2001: 165) de que “sua restrição para início de palavra é extremamente rigorosa, não havendo qualquer tipo de aceitação”, registraram-se nas duas amostras previamente coletadas para este estudo, as ocorrências, na fala de pelo menos dois informantes paulistanos, do tepe em início de palavra.

-ʀ (vibrante alveolar vozeada), em rata [‘ʀata] e marra [‘maʀa]. Segundo Cristófaros Silva (1998: 34), “certas variantes do estado de São Paulo e do português europeu apresentam uma consoante vibrante nestes exemplos”. E cita como exemplo dessa ocorrência, a típica expressão paulistana “Orra, meu!”;

-ɹ (retroflexa alveolar vozeada), em mar [‘maɹ] e em [‘kaɹta], pronúncia típica do dialeto caipira em posição de coda.

As descrições acima demonstram a diversidade de variantes que constituem a variável ‘pronúncia do /r/ em coda’ no português brasileiro. Observe-se que palavras como ‘mar’ e ‘carta’ são pronunciadas diferentemente em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, de acordo com as articulações, fricativa ou glotal. Outras possibilidades são ainda, a alveolar e a retroflexa, que ocorrem em São Paulo. Então, a palavra ‘carta’ pode ser pronunciada no Brasil como [‘kaXta], [‘kahta], [‘karta] ou [‘kaɹta], cabendo ao falante a escolha da sua pronúncia. Cagliari (2007: 41) comenta a maior frequência da pronúncia vibrante alveolar sobre a fricativa uvular no dialeto de São Paulo, no qual, diz, “ocorrem sons durante os quais a ponta da língua (raramente o véu palatino) se põe a bater repetidamente contra a área alveolar da abóbada palatina atrás dos dentes incisivos (ou contra a parte posterior da língua)”. É importante notar que tepe e vibrante são articulações diferentes: o tepe se realiza com uma única batida rápida da ponta da língua contra os alvéolos dos dentes incisivos. Tanto uma como a outra, porém, fazem parte do sistema fonológico do italiano, ao contrário das

articulações uvular e velar. Com relação à distribuição dos dois tipos de articulação nas variedades regionais brasileiras, Callou, Moraes e Leite (1994) analisam a distribuição do /r/ pós-vocálico na fala culta de cinco capitais brasileiras para verificar se existe coincidência na distribuição de áreas de ocorrência. A região denominada Sul compreende as cidades de Porto Alegre e São Paulo e opõe-se à Norte, por sua vez composta pelo Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A região Sul, em relação à Norte, apresenta frequência superior da vibrante apical simples e frequência inferior de /r/ fricativo velar e inspirado.

Servem para demonstrar as pronúncias regionais do /r/ em coda no Brasil, as gravações dos informantes que compõem uma das amostras registradas para este estudo. Diante da leitura de uma lista de palavras que apresentam o /r/ em coda (tanto no meio quanto no fim de palavra), onde as fricativas e as glotais são representadas por /R/, e o retroflexo por /ɽ/, em oposição ao tepe /r/, os resultados foram os seguintes:

Palavras	Procedência do informante	Pronúncia
carta, bar, porta, amar	Bahia, Distrito Federal, Ceará, Minas Gerais e Rio de Janeiro	[ˈkaRtə], [ˈbaR], [ˈpɔRtə], [aˈmaR]
	Rio Grande do Sul e São Paulo	[ˈkarta] e [ˈkartə]; [ˈbaɾ] e [ˈbaɪ]; [ˈpɔɾta] e [ˈpɔɾtə], [aˈmaɾ] e [aˈmaɪ]

No estilo de leitura¹⁷, registraram-se as pronúncias que se leem nas transcrições abaixo. Uma vez que o objetivo, aqui, é o de registrar ocorrências e não quantificá-las, limitou-se a transcrever a fala de apenas um informante por Estado. Tais transcrições reportam, então, as falas de 8 dos 12 informantes que compõem a Amostra 1, acima referida. São do sexo masculino os dois informantes paulistanos, que se distinguem, porém, em faixa etária: o informante 1(paulistano) se coloca na faixa entre os 20 e os 30 anos enquanto o informante 2 (paulista) está na faixa acima dos 70 anos. Com essas transcrições não se pretendem quantificar os usos do /r/ na fala paulistana, mas confirmar, somente, a presença do tepe alveolar como variante naquele dialeto, bem como a sua ausência nas variedades carioca, mineira, cearense, brasiliense e baiana.

¹⁷ O texto aqui transcrito foneticamente encontra-se no Apêndice A

Bahia

[nə 'nəsə 'ruə a'viə 'tēpʊ dʒɪ 'tudʊ. 'tēpʊ dʒɪ 'bɒlə dʒɪ 'gudʒɪ. 'tēpʊ dʒɪ pi'āw. 'tēpʊ dʒɪ kəlesjo'nar figu'rinəz dʒɪ ar'ʃɪstəz dʒɪ si'nēmə. 'tēpʊ dʒɪ papa'gajʊ, u 'majz bu'nitʊ dʒɪ 'todʊz us 'tēpʊs. ujs 'sews fi'kavāw pʊr 'todʊz uz 'ladʊs rɛ'pletʊz dʒɪ papa'gajʊz dʒɪ 'todəz as 'kɔrɪs. papa'gajʊs 'lɪdʊs dʒɪ 'todʊz us fej'ʃɪʊs. 'ɛrə 'gɛrə nu 'ar. as kabe'sadəz əjs 'lutəz əjs la'sadəz i us 'kɔrʃɪs. əjs zi'leʃɪs kɔr'tavāw əjs 'lɪnəz i la vɪnə ũ papa'gajʊ rɔdɔpi'ādʊ nʊ ɪs'pasʊ ɪbarə'sādʊ a 'lɪnə du ka'brestʊ kɔ a 'kawdə sɛ ɛki'librɪʊ. 'ɛrə lɪdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u 'mūdʊ si tɔr'navə 'sɔ das kri'āsəz da 'ruə. dʒɪ 'todəz əjs 'ruəz dʒɪ bā'gu. De'pojz 'ɛrə ũ 'taw dʒɪ kavej'rɪnə ɛrɔ'ladə nus 'fɪʊs. 'ɛrə ũ 'taw dʒɪ kɔ'rɛr dʊ kamɪ'nāw da 'ləjʃɪ. uʒz 'ɔmɛjs 'vɪnāw furi'ɔzʊz arā'kar us papa'gajʊs 'mɔrtʊz atrapa'ʎādu ʊs 'fɪʊs. u 'vɛtʊ u 'vɛtʊ]

Distrito Federal (Brasília)

[nə 'nəsə 'ruə a'viə 'tēpʊ dʒɪ 'tudʊ. 'tēpʊ dʒɪ 'bɒlə dʒɪ 'gudʒɪ. 'tēpʊ dʒɪ pi'āw. 'tēpʊ dʒɪ kolesjo'nar figu'rinəz dʒɪ ar'ʃɪstəz dʒɪ si'nēmə. 'tēpʊ dʒɪ papa'gajʊ, u 'majz bu'nitʊ dʒɪ 'todʊz us 'tēpʊs. us 'sews fi'kavāw pɔr 'todʊz uz 'ladʊs rɛ'pletʊz dʒɪ papa'gajʊz dʒɪ 'todəz as 'kɔrɪs. papa'gajʊz 'lɪdʊs dʒɪ 'todʊz us fej'ʃɪʊs. 'ɛrə 'gɛrə nu 'ar. as kabe'sadəs as 'lutəs as la'sadəs i us 'kɔrʃɪs. as zi'leʃɪs kɔr'tavāw as 'lɪnəz i la vɪnə ũ papa'gajʊ rɔdɔpi'ādʊ nʊ ɪs'pasʊ ɪbarə'sādʊ a 'lɪnə du ka'brestʊ kɔ a 'kawdə sɛ eki'librɪʊ. 'ɛrə lɪdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u 'mūdʊ si tɔr'navə 'sɔ das kri'āsəs da 'ruə. dʒɪ 'todəz as 'ruəz dʒɪ bā'gu. De'pojz 'ɛrə ũ 'taw dʒɪ kavej'rɪnə ɛrɔ'ladə nus 'fɪʊs; 'ɛrə ũ 'taw dʒɪ kɔ'rɛr dʊ kamɪ'nāw da 'ləjʃɪ. uʒz 'ɔmɛjs vɪnāw furi'ɔzʊs arā'kar us papa'gajʊs 'mɔrtʊz atrapa'ʎādu ʊs 'fɪʊs. u 'vɛtʊ u 'vɛtʊ]

Ceará

[na 'nəsə 'ruə a'viə 'tēpʊ dʒɪ 'tudʊ. 'tēpʊ dʒɪ 'bɔlə dʒɪ 'gudʒɪ. 'tēpʊ dʒɪ pi'āw. 'tēpʊ dʒɪ kɔlesjo'naɾ figu'rinəz dʒɪ aɾ'ʃistəz dʒɪ si'nēmə. 'tēpʊ dʒɪ papa'gajʊ, u 'majz bu'nitʊ dʒɪ 'todʊz us 'tēpʊs. us 'sews fi'kavāw pʊɾ 'todʊs uz 'ladʊs ɾe'pletʊs dʒɪ papa'gajʊs dʒɪ 'todəz as 'kɔɾɪs. papa'gajʊs 'lɪdʊs dʒɪ 'todʊz us fej'ʃiʊs. 'erə 'gɛɾə nu 'aɾ. as kabe'sadəz as 'lutəz as la'sadəs i us 'kɔɾʃɪs. as zi'lɛʃɪs kɔɾ'tavāw as 'lɪnəz i la 'vɪnə ũ papa'gajʊ ɾɔdopi'ādʊ nu ɪsp'asʊ ɪbara'sādʊ a 'lɪnə du ka'brestʊ kɔ a 'kawdə sɛ eki'libɾjʊ. 'erə 'lɪdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u 'mūdʊ si tɔɾ'navə 'sɔ das kri'āsəz da 'ruə. dʒɪ 'todəz ajs 'ruəz dʒɪ bā'gu. De'pojz 'erə ũ 'taw dʒɪ kavej'rɪnə ẽɾo'ladə nus 'fiʊs. 'erə ũ 'taw dʒɪ ko'rɛɾ dʊ kamɪ'nāw da 'lajʃɪ. uʒ 'õmɛjs 'vɪnāw furi'ɔzʊs aɾā'kar us papa'gajʊs 'mɔɾtʊz, atrapa'ʌādʊ ʊs 'fiʊs. u 'vɛtʊ u 'vɛtʊ]

Minas Gerais

[na 'nəsə 'ruə a'viə 'tēpʊ dʒɪ 'tudʊ. 'tēpʊ dʒɪ 'bɔlə dʒɪ 'gudʒɪ. 'tēpʊ dʒɪ pi'āw. 'tēpʊ dʒɪ kɔlesjo'naɾ figu'rinəz dʒɪ aɾ'ʃistəz dʒɪ si'nēmə. 'tēpʊ dʒɪ papa'gajʊ u 'majz bu'nitʊ dʒɪ 'todʊz us 'tēpʊs. us 'sews fi'kavāw pʊɾ 'todʊz uz 'ladʊs ɾe'pletʊs dʒɪ papa'gajʊs dʒɪ 'todəz as 'kɔɾɪs. papa'gajʊs 'lɪdʊz dʒɪ 'todʊz us fej'ʃiʊs. 'erə 'gɛɾə nu 'aɾ. as kabe'sadəz as 'lutəz as la'sadəz i us 'kɔɾʃɪs. as zi'lɛʃɪs kɔɾ'tavāw az 'lɪnəz i la 'vɪnə ũ papa'gajʊ ɾɔdopi'ādʊ nu ɪsp'asʊ ɪbara'sādʊ a 'lɪnə du ka'brestʊ kɔ a 'kawdə sɛ eki'libɾjʊ. ɛɾə 'lɪdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u 'mūdʊ si tɔɾ'navə 'sɔ das kri'āsəs da 'ruə. dʒɪ 'todəz as 'ruəz dʒɪ bā'gu. De'pojz 'erə ũ 'taw dʒɪ kavej'rɪnə ẽɾo'ladə nus 'fiʊs. 'erə ũ 'taw dʒɪ ko'rɛɾ dʊ kamɪ'nāw də 'lajʃɪ. uz 'õmɛjs 'vɪnāw furi'ɔzʊz aɾā'kar us papa'gajʊs 'mɔɾtʊs, atrapa'ʌādʊ us 'fiʊs. u 'vɛtʊ u 'vɛtʊ]

Rio de Janeiro

[na 'nəsə 'ruə a'via 'tēpʊ dʒɪ 'tudʊ. 'tēpʊ dʒɪ 'bɔlə dʒɪ 'gudʒɪ. 'tēpʊ dʒɪ pi'āw. 'tēpʊ dʒɪ **kolesjo'nar** figu'rinəz dʒɪ **ar'ʃistəz** dʒɪ si'nēmə. 'tēpʊ dʒɪ papa'gajʊ, u 'majz bu'nitʊ dʒɪ 'todʊz uʃ 'tēpʊʃ. uʃ 'sɛwʃ fi'kavāw **pʊr** 'todʊz uz 'ladʊʃ rɛ'plɛtʊz dʒɪ papa'gajʊz dʒɪ 'todəz aʃ 'kɔrɪʃ. papa'gajʊz 'lɪdʊz dʒɪ 'todʊz uʃ fej'ʃiʊʃ. 'ɛrə 'gɛrə nu '**ar**. aʃ kabe'sadəz az 'lutəz az la'sadəz i uʃ '**kɔrʃiʃ**. az zi'lɛʃiʃ **kɔr'tavāw** aʃ 'lɪjənə i la 'vɪjənə ũ papa'gajʊ rɔdopi'ādʊ nʊ ɪʃ'pasʊ ɪbara'sādʊ a 'lɪjənə du ka'brestʊ kɔ a 'kawdə sɛ eki'librjʊ. 'ɛrə 'lɪdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u 'mūdʊ si **tor'navə** 'sɔ daʃ kri'āsaz da 'ruə. dʒɪ 'todəz aʃ 'ruəz dʒɪ bā'gu. De'pojz 'ɛrə ũ 'taw dʒɪ kavej'rɪjənə ɛrɔ'ladə nuʃ 'fiʊʃ. 'ɛrə ũ 'taw dʒɪ ko'rɛr dʊ kamɪ'nāw də 'lajʃɪ. uz 'ɔmɛjz 'vɪjənāw furi'ɔzʊz arā'kar uʃ papa'gajʊz '**mɔrtʊz** atrapa'ʎādʊ ʊʃ 'fiʊʃ. u 'vɛtʊ u 'vɛtʊ]

Rio Grande do Sul

[na 'nəsə 'ruə a'viə 'tēpʊ dɪ 'tudʊ. 'tēpʊ dɪ 'bɔlə dɪ 'gudɪ. 'tēpʊ dɪ pi'āw. 'tēpʊ dɪ **kolesjo'nar** figu'rinəz dɪ **ar'ʃistəz** dɪ si'nemə. 'tēpʊ dɪ papa'gajʊ, u 'majz bo'nitʊ dɪ 'todʊz us 'tēpʊs. us 'sɛws fi'kavāw **pɔr** 'todʊs uz 'ladʊs rɛ'plɛtʊs dɪ papa'gajʊs dɪ 'todəz as 'kɔrɪs. papa'gajʊs 'lɪdʊs dɪ 'todʊz us fej'ʃjʊs. 'ɛrə 'gɛrə nu '**ar**. as kabe'sadəz as 'lutəz as la'sadəz i us '**kɔrtɪs**. as zi'lɛtɪs **kɔr'tavāw** as 'lɪjənəs e la 'vɪjənə ũ papa'gajʊ rɔdopi'ādʊ nʊ ɪʃ'pasʊ ɪbara'sādʊ a 'lɪjənə du ka'brestʊ kɔ a 'kawdə sɛj eki'librjʊ. 'ɛrə 'lɪdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u 'mūdʊ si **tor'navə** 'sɔ das kri'āsəs da 'ruə. dɪ 'todəs as 'ruəz dɪ bā'gu. de'pojz 'ɛrə ũ 'taw dɪ kavej'rɪjənə ɛrɔ'ladə nus 'fjʊs. 'ɛrə ũ taw 'dɪ ko'rɛr dʊ kamɪ'nāw da 'lajʃɪ. uz 'ɔmɛjz 'vɪjənāw furi'ɔzʊs arā'kar us papa'gajʊs '**mɔrtʊz**, atrapa'ʎādʊ us 'fjʊs. u 'vɛtʊ u 'vɛtʊ]

São Paulo (Informante1)

[na 'nɔsə 'ruə a'viə 'tējpu dʒɪ 'tudɔ. 'tējpu dʒɪ 'bɔlə dʒɪ 'gudʒɪ. 'tējpu dʒɪ pi'ãw. 'tējpu dʒɪ **kolesjonar** figu'riɲəz dʒɪ **ar'ʃistəz** dʒɪ si'nemə. 'tējpu dʒɪ papa'gajɔ u 'majz bu'nitɔ dʒɪ 'todɔz us 'tējpus. us 'sews fi'kavãw **pɔɪ** 'todɔs uz 'ladɔs re'pletɔs dʒɪ papa'gajɔs dʒɪ 'todəz as 'korɪs. papa'gajɔs 'lɪdɔz dʒɪ 'todɔz us fej'ʃjɔs. 'erə 'gɛrə nu 'ar. as kabe'sadəz, az 'lutəs, az la'sadəs i us 'kɔɪʃɪs. as zi'leʃɪs **kɔɪ'tavãw** as 'lɪɲəz i la 'vɪɲə ã papa'gajɔ rodopi'ãdɔ nu ɪs'pasɔ ɪbara'sãdɔ a 'lɪɲə du ka'brestɔ kɔ a 'kawdə sēj eki'libɪɲɔ. 'erə 'lɪdɔ 'tudɔ a'kilɔ. u 'mũdɔ si **toɪ'navə** 'sɔ das kri'āsəs da 'ruə. dʒɪ 'todəz as 'ruəz dʒɪ bã'gu. de'pojz 'erə ã 'taw dʒɪ kavej'rɪɲə ějro'ladə nus 'fjɔs. 'erə ã 'taw dʒɪ ko'reɪ dɔ kamɪ'ɲãw da 'lajʃɪ. uz 'ɔmējs 'vɪɲãw furi'ɔzɔs arã'kaɪ us papa'gajɔs '**mɔɪtɔz** atrapa'ɫãdɔ s 'fjɔs. u 'vējɪtɔ u 'vējɪtɔ]

São Paulo (Informante2)

[na 'nɔsə 'ʃuə a'viə 'tēpu dɪ 'tudɔ. 'tēpu dɪ 'bɔlə dɪ 'gudɪ. 'tēpu dɪ pi'ãw. 'tēpu dɪ **kolesjo'nar** figu'riɲəs dɪ **ar'ʃistəs** dɪ si'nēmə. 'tēpu dɪ papa'gajɔ, u 'majz bu'nitɔ dɪ 'todɔz us 'tēpus. us 'sews fi'kavãw **pɔɪ** 'todɔz us 'ladɔs **ʃe'pletɔs** dɪ papa'gajɔs dɪ 'todəz as 'korɪs. papa'gajɔs 'lɪdɔs dɪ 'todɔz us fej'ʃjɪs. 'erə a 'gɛʃə 'nu 'ar. as kabe'sadəs as 'lutəs as la'sadəs i us 'kɔɪʃɪs. as zi'leʃɪs **kor'tavãw** as 'lɪɲəz i la 'vɪɲə ã papa'gajɔ **ʃodopi'ãdɔ** nu ɪs'pasɔ ɪbara'sãdɔ a 'lɪɲə du ka'brestɔ kɔ a 'kawdə sēj eki'libɪɲɔ; 'ɛrə 'lɪdɔ 'tudɔ a'kilɔ. u 'mũdɔ si **tor'navə** 'sɔ das kri'āsəs da 'ru ə. dɪ 'todəz as 'ʃuəs dʒɪ bã'gu. de'pojz 'erə ã 'taw dɪ kavej'rɪɲə **ẽro'ladə** nus 'fɪus; 'erə ã taw 'dɪ **ko'ʃer** dɔ kamɪ'ɲãw da 'lajʃɪ. uz 'ɔmējs 'vɪɲãw furi'ɔzɔs **arã'kar** us papa'gajɔs '**mɔɪtɔz** atrapa'ɫãdɔ ɔs 'fɪus. u 'vētɔ u 'vētɔ]

Note-se que não foram registradas ocorrências do tepe em posição de coda, nos estados da Bahia, Distrito Federal, Ceará, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Naqueles estados,

em tal contexto, registraram-se ocorrências de /R/, lembrando que o arquifonema representa os fonemas fricativos e os glotais. No estado do Rio Grande do Sul prevaleceu a pronúncia do tepe em coda, com uma só ocorrência de /R/ naquela posição. Em São Paulo, o informante 1 alternou tepe e retroflexo em posição de coda, enquanto na pronúncia do informante 2 prevalece o tepe em posição de coda e várias ocorrências do vibrante alveolar /ř/.

Mais exemplos da ocorrência do tepe na cidade de São Paulo são dados a seguir. Como já foi dito, as ocorrências aqui apresentadas são de caráter somente confirmativo: no caso de uma análise quantitativa, não basta selecionar os casos em que uma determinada variante ocorre, pelo contrário, são igualmente importantes os casos em que ela não ocorre. Então, com a finalidade de somente documentar a variabilidade do /r/ na fala paulistana, foram entrevistados 15¹⁸ falantes nativos, através de um questionário fonético-fonológico constituído de quatro partes, assim definidas: leitura de um grupo de palavras que apresentam o /r/ em fim de sílaba, tanto no final quanto no meio de palavra; leitura de um grupo de palavras que apresentam o /r/ em início de sílaba e de palavra; leitura de um grupo de palavras que apresentam o duplo /r/ em posição intervocálica; leitura de um texto no qual comparecem palavras que apresentam o /r/ em fim de sílaba e de palavra e, finalmente, um discurso livre do sujeito entrevistado. É sabido que as três modalidades de entrevista colocam-se numa escala crescente de formalidade visto que permitem um controle cada vez menor (da leitura de palavras ao discurso livre) do sujeito sobre sua produção linguística. É mais fácil para o falante monitorar a própria pronúncia durante a leitura de palavras isoladas; esse grau de dificuldade aumenta quando de palavras isoladas passa-se a um texto corrente e chega ao seu limite máximo de dificuldade quando o sujeito fala espontaneamente, sem ler ou sem pensar no que vai dizer. De fato, os resultados da pesquisa mostraram que a pronúncia de /r/ aumentou e a de /R/ diminuiu, quando se passou da leitura de palavras isoladas à leitura do texto. Os grupos de palavras elaborados para as três respectivas etapas da entrevista são: a) palavras que apresentam o *r* ortográfico em fim de sílaba, no final ou no meio da palavra: *carta, bar, porta, amar, tarde, verde, ator, sair, turma, tartaruga*; b) palavras que apresentam o *r* ortográfico em início de sílaba e de palavra: *rádio, rua, Israel, roda, raiz, retrato, rima, russo, rio, roça*; c) palavras que apresentam *rr* em posição intervocálica: *carro, marra, arroz, arreio, arrimo, arruaça, arrumação*.

¹⁸ Por razões de ordem técnica, 3 das 15 gravações não puderam ser transcritas e foram eliminadas da amostra.

a) Palavras que apresentam o *r* ortográfico em fim de sílaba, no final ou no meio da palavra:

Informante 01

Carta - /'karta/ ; bar - / 'baɪ /; porta - /'poɪta/; amar - /a'maɪ/; tarde - /'taɪdʒɪ/; verde - /'veɦɪdʒɪ/; ator - /a'toɪ/; sair - /sa'ih/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruɡa/

Informante 02

carta - /'karta/; bar - / 'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardʒɪ/; verde - /'verdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ih/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruɡa/

Informante 03

carta - /'karta/; bar - / 'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardʒɪ/; verde - /'verdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ir/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruɡa/

Informante 04

carta - /'karta/; bar - / 'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardʒɪ/; verde - /'verdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ih/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruɡa/

Informante 08

carta - /'karta/; bar - / 'baɦ /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardʒɪ/; verde - /'verdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ir/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruɡa/

Informante 09

carta - /'karta/; bar - / 'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'maɪ/; tarde - /'taɪdʒɪ/; verde - /'verdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ir/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruɡa/

Informante 10

carta - /'karta/; bar - / 'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'maɦ/; tarde - /'taɪdʒɪ/; verde - /'veɦdʒɪ/; ator - /a'toɪ/; sair - /sa'ih/; turma - /'turma/; tartaruga - /taɦta'ruɡa/

Informante 11

carta - /'karta/; bar - /'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardʒɪ/;
 verde - /'vefɪdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ifi/; turma - /'tuɾma/; tartaruga -
 /tarta'ruga/

Informante 12

carta - /'karta/; bar - /'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardʒɪ/; verde -
 /'verdʒɪ/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ir/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruga/

Informante 13

carta - /'karta/; bar - /'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tarde/;
 verde - /'verde/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ir/; turma - /'turma/; tartaruga - /tarta'ruga/

Informante 14

carta - /'kaɪta/; bar - /'baɪ /; porta - /'poɪta/; amar - /a'maɪ/; tarde - /'taɪde/;
 verde - /'veɪde/; ator - /a'toɪ/; sair - /sa'ɪɪ/; turma - /'tuɪma/; tartaruga -
 /taɪta'ruga/

Informante 15

carta - /'karta/; bar - /'bar /; porta - /'porta/; amar - /a'mar/; tarde - /'tardi/;
 verde - /'verdi/; ator - /a'tor/; sair - /sa'ir/; turma - /'tuma/; tartaruga - /tarta'ruga/

As palavras ‘verde’ e ‘sair’ demonstram bem a variação do /r/ em coda em São Paulo, com as pronúncias /sa'ir/, /sa'ɪɪ/ e /sa'ifi/; /'verdi/, /'veɪde/ e /'vefɪdʒɪ/.

b) Palavras que apresentam o *r* ortográfico em início de sílaba e de palavra (*rádio*, *rua*, *Israel*, *roda*, *raiz*, *retrato*, *rima*, *russo*, *rio*, *roça*): em todas as palavras deste grupo, o /r/ em início de sílaba e de palavra foi pronunciado como fricativo ou glotal por quase todos os informantes, com exceção de um deles, contrariando o dado fornecido por Ferreira Neto (2001: 165). Segue a sua transcrição:

Informante 15

rádio - /'radʒjʊ/; rua - /'rua/; Israel - /izra'ɛw/; roda - /'rɔda/; raiz - /ra'is/; retrato - /re'tratʊ/;
rima - /'rima/; russo - /'rusʊ/; rio - /'riw/; roça - /'rɔsa/

c) Palavras que apresentam *rr* em posição intervocálica (*carro, marra, arroz, arreio, arrimo, arruaça, arrumação*): em todas as palavras deste grupo, o *r* em início de sílaba e de palavra foi pronunciado como *R* forte por quase todos os sujeitos, com excessão do sujeito 15, cuja transcrição segue abaixo:

Informante 15

carro - /'karʊ/; marra - /'marra/; arroz - /a'rros/; arreio - /ar'rejʊ/; arrimo - /ar'rimʊ/;
arruaça - /arru'asa/; arrumação - /arruma'sãʊ/

Para a leitura do texto¹⁹, foram transcritas foneticamente somente as palavras que interessam a esta análise, ou seja, as que apresentam o /r/ em coda, no final ou no meio de palavra.

Informante 01

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲʊ/;
morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

Informante 02

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'foɹsa/; gordinho - /goɹdʒĩɲʊ/;
morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
andar - /ã'dar/; saltar - /saw'taɦ/; matar - /ma'taɦ/; animador - /anima'dor/;
arte - /'aɦtʃi/; moderna - /mo'dɛɦna/

¹⁹ V. Apêndice B

Informante 03

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

Informante 04

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

Informante 08

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

Informante 09

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'ta/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'da/; saltar - /saw'ta/; matar - /ma'ta/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

Informante 10

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'taɪ/; força - /'foɪsa/; gordinho - /goɪdʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'aɪtʃi/; moderna - /mo'dɛɪna/

Informante 11

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'aftʃi/; moderna - /mo'dɛfina/

Informante 12

forma - /'fɔɹma/; emprestar - /ẽpres'taɹ/; força - /'foɹsa/; gordinho - /goɹdʒĩɲu/;
 morador - /mora'doɹ/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfoɹ'mãtʃi/; alertou - /aleɹ'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'taɹ/; matar - /ma'taɹ/; animador - /anima'doɹ/;
 arte - /'aɹtʃi/; moderna - /mo'dɛɹna/

Informante 13

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

Informante 14

forma - /'fɔɹma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'foɹsa/; gordinho - /goɹdʒĩɲu/;
 morador - /mora'doɹ/; pular - /pu'laɹ/; informante - /ĩfoɹ'mãtʃi/; alertou - /aleɹ'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'taɹ/; matar - /ma'taɹ/; animador - /anima'doɹ/;
 arte - /'aɹtʃi/; moderna - /mo'dɛɹna/

Informante 15

forma - /'fɔrma/; emprestar - /ẽpres'tar/; força - /'forsa/; gordinho - /gordʒĩɲu/;
 morador - /mora'dor/; pular - /pu'lar/; informante - /ĩfor'mãtʃi/; alertou - /aler'tow/;
 andar - /ã'dar/; saltar - /saw'tar/; matar - /ma'tar/; animador - /anima'dor/;
 arte - /'artʃi/; moderna - /mo'dɛrna/

As transcrições seguintes são fragmentos extraídos da fala menos monitorada, o discurso livre, coletados na mesma amostra, com os informantes de São Paulo:

Informante 01:

/ew mo'rej ẽ kamãdu'kaja i 'mõti 'veɔdʒɪ/

Informante 02:

/a ẽpreza ẽ terseri'zada/ / ẽ sɔ mu'ʎɛɾ 'kwazi/ /mi formej ẽ dojs miw i 'kwatrɔ/

/fis pɔz ẽ adʒministrasãw terminej agɔra nɛ?/

Informante 04:

/ew ẽbarku nu dʒia... / /ew n 'lẽbru kɔ ser'teza/ / ɛɛ pɛrtɔ das ojtɔ 'ɔras/ /a zẽtʃɪ vaj pra ẽburgɔ/

Informante 08:

/pur'ke ew aʃɔ ke ẽ nor'maw pesoas dɔ iterioɔ ... / /'elis si for'marãw.../ /u dowto'radɔ ta 'mẽnus iporãti du ki u kj'ew vow fazer.../

Informante 09:

/u lu'gar dʒɪ ko'sẽsa mesmɔ.../ /... i formarãw esa vidaki na kapi'taw.../ /... a partʃɪ dumew a'vo.../

Informante 10:

/... iiii mĩna irmãz ĩ ɲa.../ /...meu iɔ'mãw nãw meu iɔ'mãw vaj via'za .../

Informante 13:

/a'tɛ pur'ke nɔs 'tẽmɔs o 'bajRɔ dɔ bi'ʃiga.../ /...tẽj ã ĩfluẽsja muĩtɔ'foɔtʃɪ nɛ?/ /...aa maioria das pa'lavras termina kɔ i .../ /... ew tra'baʎɔ nu segmẽtu dɔ ko'mɛɾsjɔ esterior.../

Informante 14:

/... ẽ tãt 'ɛ ki a zẽtʃɪ eɔ'dow a sidadã'nia.../

Informante 15:

/... vow mĩtere'sar sobri 'eli ... / /... ew 'tẽjv ã 'sẽtv re'sejv da ãternẽt nẽ? .../ / ... ew ki 'fiko
õradv kõ ... /

Alguns pontos a serem notados nas falas reportadas acima:

- Nota-se a predominância do tepe (em concorrência com o retroflexo) sobre as ocorrências do /R/ (fricativo e glotal);
- Um mesmo informante apresentou variações na pronúncia do /r/, de uma palavra para outra durante a leitura de uma mesma lista de palavras ou de uma modalidade de leitura para outra (por exemplo, da leitura da lista de palavras para a leitura do texto), mas todos eles pronunciaram, pelo menos uma vez, o fonema /r/ em fim de sílaba;
- Um informante pronunciou todos os /r/ em coda como retroflexo /ɻ/ e quatro informantes os pronunciaram como tepe /r/ em todas as palavras;
- É importante ressaltar que os bairros onde nasceram e cresceram os informantes da pesquisa são bastante variados e não representam, necessariamente, concentrações de imigrantes italianos;
- Informantes filhos de pais mineiros e baianos pronunciaram o /r/ em coda como tepe;
- As ocorrências de /r/ aumentaram e as ocorrências de /R/ diminuíram, na passagem da leitura da lista de palavras para a leitura do texto, confirmando a teoria segundo a qual o grau de controle que o falante tem sobre a própria produção oral é inversamente proporcional à espontaneidade com que fala;
- Nos discursos livres é evidente a predominância de /r/, seguida de /ɻ/;
- Não foi registrado nenhum caso de /R/ nas falas espontâneas.

No que diz respeito ao sistema fonológico do italiano standard²⁰, as possibilidades de pronúncia desta consoante são bastante limitadas: o tepe, alveolar ou dental, é o fonema

²⁰ A noção de italiano standard é objeto de debate entre os linguistas italianos, que se dividem entre aqueles que o identificam na forma culta do dialeto da cidade de Florença e um outro grupo que coloca em dúvida a existência de uma referência comum, sobretudo como língua falada. É uma variedade que se realiza prevalentemente na língua escrita e, muito raramente, na língua falada (Lorenzetti, 2002). O italiano standard conta 30 fonemas, ou 28, de acordo com alguns autores que não consideram fonemas propriamente ditos as

representado pelo grafema *r*, e admite uma alternância entre uma ‘realização tênue’ /r/ e uma ‘realização intensa’ /r̃/. É o caso das palavras *caro* [‘karo] e *carro* [‘kaʀo], por exemplo, mas ocorre também em início de sílaba e de palavra: [isra’ele], [‘roma], [re’dʒina].

No português brasileiro as diversas pronúncias do /r/ são percebidas auditivamente da mesma maneira enquanto os falantes italianos só conhecem o tepe e a vibrante. Isto leva a crer que tais fonemas, usados em substituição a qualquer uma das variantes do /r/ brasileiro, por parte de um falante italiano, poderiam ser perfeitamente aceitáveis sem que fosse feita confusão com qualquer outro som. A pronúncia italiana [‘kaʀo] para a palavra ‘carro’, em português, substitui a forma padrão brasileira [‘kaxo] sem prejuízo da compreensão.

2.2 As pronúncias de /t/ e /d/

As consoantes oclusivas dentais [t] e [d], seguidas da vogal [i] ou de uma de suas variantes [ĩ] e [ɪ], se palatalizam no português brasileiro: palavras como ‘tipo’ e ‘dito’, existentes tanto no português quanto no italiano, são pronunciadas como [‘tɪpo] e [‘dɪto] em língua italiana. A pronúncia mais difusa no português brasileiro é caracterizada pela palatalização das oclusivas: [t] > [tʃ] e [d] > [dʒ]: [‘tʃɪpo] e [‘dʒɪto]. Na cidade de São Paulo, além da pronúncia palatalizada, registram-se também casos da pronúncia dental das oclusivas, surda e sonora, [t] e [d].

Conforme amostra coletada no estilo de leitura para a verificação da pronúncia do /r/, o informante paulistano 2 apresenta em sua fala o uso de /t/ e /d/ como oclusivas dentais, com frequência bastante superior àquela das formas palatalizadas diante de [ɪ] :

[na 'nɔsə 'ʁuə a'viə 'tẽpɔ dɪ 'tudɔ. 'tẽpɔ dɪ 'bɔlə dɪ 'gudɪ.
'tẽpɔ dɪ pi'ãw. 'tẽpɔ dɪ kolesjo'nar figu'riɲəs dɪ ar'ʃistəs dɪ si'nẽmə.
'tẽpɔ dɪ papa'gajɔ, u 'majz bu'nitɔ dɪ 'todɔz us 'tẽpɔs. us 'sɛws
fi'kavãw pɔr 'todɔz us 'ladɔs ʁe'plɛtɔs dɪ papa'gajɔs dɪ 'todəz as
'korɪs. papa'gajɔs 'lĩdɔs dɪ 'todɔz us fej'ʃɪus. 'ɛrə a 'gɛʁə 'nu 'ar. as
kabe'sadəs as 'lutəs as la'sadəs i us 'kɔrʃɪs. as zi'lɛʃɪs kor'tavãw as

semivogais; chega-se porém a 45 se contadas também como fonemas as consoantes duplas. Berruto (1997: 41) (tradução nossa).

'lĩnəz i la 'vĩnə ũ papa'gajʊ řodopi'ãdʊ nʊ is'pasʊ ĩbara'sãdʊ a 'lĩnə
 du ka'brestʊ kō a 'kawdə sē eki'librjʊ; 'ɛra 'lĩdʊ 'tudʊ a'kilʊ. u
 'mũdʊ si tor'navə 'sɔ das kri'ãsəs da 'ru ə. dɪ 'todəz as 'řuəs dʒɪ
 bā'gu. de'pojz 'ɛrə ũ 'taw dɪ kavej'rĩnə ěřo'ladə nus 'fius; 'ɛrə ũ taw
 'dɪ ko'řer dʊ kamĩ'nãw da 'lajřɪ. uz 'ɔmējs 'vĩnãw furi'ɔzʊs ařã'kar
 us papa'gajʊs 'mɔrtʊz atrapa'łãdʊ ʊs 'fius. u 'větʊ u 'větʊ]

Na leitura do grupo de palavras que apresentam [t] e [d] seguidos de [i] registraram-se as seguintes pronúncias:

gente

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo: [ˈʒẽʃɪ]

impedido

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo:
 [ĩpeˈdʒido]

antítese

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul: [ãˈʃĩtezi]
 São Paulo: [ãˈʃĩtezi] e [ãˈtitezi] e [ãˈtiteze]

diferente

Bahia e Ceará: [dʒifeˈrẽʃɪ]
 Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul: [dʒifeˈrẽʃɪ]
 São Paulo: [dʒifeˈrẽʃɪ] e [difeˈrẽʃɪ]

Notem-se as ocorrências das oclusivas sonoras em [ãˈtitezi] e [ãˈtiteze] e em [difeˈrẽʃɪ], exclusivamente na fala do paulistano.

2.3 O sistema vocálico do português e do italiano

O português brasileiro apresenta um grupo de sete vogais tônicas, idênticas àquelas que compõem o sistema vocálico do italiano standard: [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u]. A classificação das vogais de acordo com o acento tônico permite classificar e analisar também aquelas vogais que precedem as tônicas, as chamadas pretônicas, e aquelas que as seguem, as pós-tônicas. Enquanto são regulares em todas as variedades regionais as sete vogais orais

tônicas, as vogais pretônicas caracterizam a variação dialetal no português brasileiro. São cinco as vogais pretônicas, quatro as postônicas não-finais e apenas três em final de sílaba (Bisol, 2005).

Além das sete vogais orais tônicas, participam da composição do sistema vocálico tônico do português um grupo de cinco vogais nasais, [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ], inexistentes no italiano. O uso menos frequente de vogais nasalizadas em relação aos falares, por exemplo, de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro e dos estados do nordeste brasileiro é outro traço que parece caracterizar a variedade paulistana. Cristófaros Silva (1998: 121) explica a nasalização das vogais no português brasileiro:

A nasalidade no português brasileiro relaciona-se ao fato de uma vogal ser nasalizada quando seguida de consoante nasal. Há, contudo, grande variação quanto à nasalidade no português brasileiro dependendo do dialeto em questão [cf. Vandressen (1975), Shaw (1986), Bisol (1998)]. Em vários dialetos da região Sudeste, uma vogal tônica é obrigatoriamente nasalizada quando seguida de consoante nasal – “c[ã]ma”. Contudo, se a vogal seguida de consoante nasal ocorre em posição pretônica a nasalidade é opcional: “c[a]mareira” ou “c[ã]mareira”. Já em certos dialetos do estado de São Paulo, nenhuma vogal seguida de consoante nasal é nasalizada: “c[a]ma”²¹ e “c[a]mareira”. Em vários dialetos do Nordeste do Brasil toda vogal (tônica ou pretônica) seguida de consoante nasal é obrigatoriamente nasalizada: “c[ã]ma” e “c[ã]mareira”.

A mesma autora (1998:80) explica ainda que “em certas variantes paulistas algumas formas como ‘homem’ e ‘fome’ são pronunciadas com vogais orais: [‘ɔ]mem e f[ɔ]me. Formas como ‘homem’ e ‘fome’ apresentam tipicamente uma vogal nasal na maioria dos dialetos do português: [õ]mem e f[õ]me”.

No Sul do Brasil, onde a presença dos italianos foi tão marcante quanto em São Paulo, Frosi e Mioranza (1983: 334) apontam a não realização do ditongo nasal /ão/ e a realização da vogal nasal /ã/ com timbre aberto e não fechado como interferências fônicas do italiano no português da região da Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul. O mesmo fenômeno caracteriza a pronúncia do português por um falante italiano, onde quer que esse se encontre no Brasil, chegando ao ponto de se tornar um dos estereótipos dos quais lançam mão os atores brasileiros quando devem representar uma personagem italiana em telenovelas ou filmes nacionais. Um estereótipo linguístico, de acordo com Labov (1973) é resultado do alto índice de desenvolvimento de uma variável sociolinguística, ou seja, ocorre quando o uso permite

²¹ Segundo esta mesma autora, em alguns dialetos paulistas quando o a ortográfico é seguido de consoante nasal: **cama**, **cana**, uma vogal central médio-alta [a] ocorre no lugar da vogal nasal [ã] e da central baixa [a]. Esta vogal está presente na pronúncia paulistana de [‘kama] e de [‘kana].

sua estratificação por grupo social, idade, sexo etc. e é, portanto, altamente reconhecido dentro de uma comunidade linguística.

A respeito do grau de sonorização das vogais, cabe lembrar o seguinte depoimento: “Sem dúvida, os italianos deixaram sua própria marca no português falado em São Paulo, que é de fato *muito mais aberto e menos nasalizado em confronto com o português do Rio de Janeiro, por exemplo* ” (informação verbal) (grifo nosso).²²

Emerge, aqui, uma consideração importante: as variantes não nasalizadas das vogais tônicas e pretônicas, apresentadas acima e atribuídas por Cristóvão Silva (1998) a dialetos do estado de São Paulo, poderiam estar correlacionadas ao fato dos falantes italianos não produzirem vogais nasais em sua língua materna. A pronúncia de vogais não nasalizadas (ou menos nasalizadas), na fala em português por parte de imigrantes italianos em São Paulo, poderia então ser considerada uma influência do seu sistema fonológico sobre aquele da língua local. Seguem as transcrições da leitura de lista de palavras que apresentam vogais tônicas e pretônicas, cuja nasalidade é facultativa no português brasileiro (porque a vogal e a consoante nasal encontram-se em sílabas distintas):

homem

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro : [ˈõmẽj]

Rio Grande do Sul: [ˈomẽj]

São Paulo: [ˈõmẽj]

fome

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro: [ˈfõmɪ]

Rio Grande do Sul: [ˈfomɪ]

São Paulo: [ˈfõmɪ]

come

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro : [ˈkõmɪ]

Rio Grande do Sul: [ˈkomɪ]

São Paulo: [ˈkõmɪ]

some

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro : [ˈsõmɪ]

Rio Grande do Sul: [ˈsomɪ]

São Paulo: [ˈsõmɪ]

²² Afirmação da professora Loredana De Stauber Caprara, feita a respeito deste estudo, em julho de 2006.

cama

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul : ['kãmə]

São Paulo: ['kəmə] e ['kãma]

camareira

Bahia, Brasília e Ceará: [ˌkãma'rejrə]

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul : [ˌkama'rejrə]

São Paulo: [ˌkəma'rejrə] e [ˌkama'rejra]

janela

Bahia, Brasília e Ceará: [ʒã'nelə]

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul : [ʒa'nelə]

São Paulo: [ʒɐ'nelə] e [ʒa'nelə]

panela

Bahia, Brasília e Ceará: [pã'nelə]

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul : [pa'nelə]

São Paulo: [pa'nelə]

Quando a vogal e a consoante nasal se encontram na mesma sílaba, então, a pronúncia nasal é a única possibilidade, mesmo no dialeto paulistano:

planta

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo: ['plătə]

Fanta

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo: ['fătə]

canta

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo: ['kătə]

As transcrições acima confirmam as ocorrências descritas por Cristóvão Silva (1998).

2.4 A ditongação do /e/ nasal no dialeto paulistano

Outra característica da fala paulistana é a ditongação do /e/ nasal, em palavras como ‘pensamento’, pronunciada como [pẽjsa’mẽjtu] e ‘movimento’, como [movi’mẽjtu]. Pouco ou nada se estudou ainda sobre esta variante²³, mas este trabalho questiona a sua possível correlação com a dificuldade do falante italiano diante da necessidade de pronunciar vogais nasais na fala em português, já que no italiano elas não existem. Sua ocorrência na fala paulistana é documentada na leitura de palavras, cujas transcrições se leem abaixo:

tempo

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul: [’tẽpʊ]
São Paulo : [’tẽpʊ] e [’tẽjpʊ]

fermento

Bahia e Ceará: [fer’mẽtu]
Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro: [fer’mẽtu]
Rio Grande do Sul: [fer’mẽtu]
São Paulo : [fer’mẽjtu] e [fer’mẽtu]

entendendo

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul: [,ẽtẽ’dẽdu]
São Paulo: [,ĩtẽj’dẽjdu] e [,ẽtẽ’dẽdu]

2.5 A pronúncia das vogais postônicas em posição final de palavra

Outra particularidade do sistema vocálico do português brasileiro é a existência de vogais postônicas finais, resultantes do alçamento das vogais orais médias. Para Câmara Jr. (1994), um sistema de sete vogais em posição tônica – /a, ɛ, e, i, ɔ, o, u/ – se reduz a cinco vogais em posição pretônica – /a, e, i, o, u/ – quatro vogais em posição postônica não final – /a, e, i, u/ – e a três vogais em posição final de palavra – /a, i, u/. Este último é o caso de ‘casa’, ‘ponte’ e ‘arco’: [‘kazə], [‘põŋi] e [‘arku], em que, no lugar de /a/, /e/, /o/, ocorrem /ə/, /ɪ/, /ʊ/. A pronúncia das vogais postônicas [i,e,a,o] em posição final depende de variação dialetal ou idioletal. Assim, podemos acrescentar ao inventário fonológico do português

²³ Não foram encontradas referências bibliográficas sobre a realização da variante em São Paulo.

brasileiro as três vogais, ausentes no sistema vocálico do italiano standard: [ə], [ʊ] e [ɪ]. Cristófaró Silva (1998: 85-86) explica que:

Em alguns poucos dialetos do português, temos que em posição postônica final ocorrem as vogais [i,e,a,o] em palavras como “júri, jure, gota, mato”. Falantes destes dialetos pronunciam em posição postônica final nestas palavras as vogais [i,e,a,o] da mesma maneira como pronunciam as vogais [i,e,a,o] nas palavras “vi, vê, vá, avô” com exceção de que no último grupo de palavras a vogal é tônica. Contudo, para a maioria dos falantes do português brasileiro as vogais postônicas finais são distintas das vogais tônicas e pretônicas e são pronunciadas como [ɪ, ə, ʊ] nas palavras “júri, jure, gota, mato” e nas formas verbais “(ele) come, (ela) fala, (eu) como”.

Ao explicar o alçamento e a queda da vogal postônica no português brasileiro, Viaro (2005: 226) reconhece a pronúncia sonora delas em São Paulo: “é verdade que no português brasileiro há também as postônicas [e] e [o] em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, que são unanimemente entendidas como conservações, incomuns em outras áreas”.

Na amostra registrada para este estudo, foram observadas ocorrências da pronúncia das vogais finais [a] e [o], onde seria possível, e talvez mais comum, a ocorrência de [ə] e [ʊ]. Durante a leitura de um grupo de palavras foi pedido aos informantes que chamassem por ‘Marta’ e por ‘Roberto’, como se tais interlocutores estivessem a uma distância tal do informante, que fosse necessário alçar a voz para que fossem ouvidos. Seguem, abaixo, as transcrições das gravações:

Marta!

Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro: [ˈmar:tə]

Bahia e Brasília: [ˈmarta]

São Paulo, Rio Grande do Sul: [ˈmarta] e [ˈmarta]

Roberto!

Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro : [Rɔˈbɛr:tʊ]

Brasília e Rio Grande do Sul: [Rɔˈbɛrtʊ]

São Paulo: [Rɔˈbɛrtʊ] e [Rɔˈbɛrtʊ]

Note-se que os informantes paulistanos pronunciaram as vogais finais [a] e [o], pronúncia que coincide com aquela do italiano standard.

2.6 A semivocalização das vogais [i] e [u]

Os sons intermediários entre uma vogal e uma consoante, e que por isso apresentam características de uma e de outra categoria, são chamados, na descrição do português brasileiro, de ‘semivogais’ (ou *semivocóide*, *semicontóide*, *vogal assilábica* ou *glide*), enquanto na tradição de estudos italianísticos, recebem o nome de ‘semiconsoantes’ ou de ‘aproximantes’. Na realidade trata-se dos fonemas /u/ e /i/ quando formam sílaba com uma vogal seguinte. “Em prática, o /i/ e o /u/ perdem a sua característica vocálica para se tornar semiconsoantes quando são seguidas por outra vogal com a qual formam um ditongo” (Palermo e Trifone, 2000: 10) (tradução nossa). No caso dos ditongos descendentes (aj, aw), quando o /i/ e o /u/ seguem a vogal com a qual formam sílaba, prefere-se a definição de ‘semivogais’. Em italiano, um critério geral para classificar uma sequência de duas vogais como ditongo ou como hiato é dado pela posição do acento: se a vogal fechada, suscetível virtualmente tanto de interpretação silábica quanto assilábica, for tônica, trata-se de hiato, do contrário pode tratar-se de ditongo; por exemplo, em *paùra* e em *fàina* verifica-se hiato, enquanto em *zàino*, *Euròpa*, *fièno* e *fuòri*, ocorre ditongo. A identificação de um ditongo ascendente é relativamente simples, tanto para um estudante de língua italiana quanto para um falante nativo, enquanto a discriminação entre ditongo e hiato parece ser muito mais complexa no caso dos ditongos descendentes, que são, todavia, relativamente raros, pelo menos em nível lexical, e reduzidos a palavras de origem culta (por exemplo, *arcaico*, *paranoia*, *neurologia*, *Europa*, *aurora*, *fauno*). Em posição final de enunciado, a leitura de um potencial ditongo descendente como hiato é favorecida pelo alongamento antes de pausa. O pronome pessoal *noi*, por exemplo, poderá ser pronunciado como ditongo na frase: *Noi veniamo dopo*, mas como hiato em *Dopo veniamo noi*. (ICoN²⁴, 2000) (tradução nossa). No caso da palavra ‘italiano’, a única possibilidade em língua italiana standard é a de ditongo porque o /i/, neste contexto, não é tônico.

No português brasileiro, é comum encontrar palavras que são pronunciadas por alguns falantes com ditongo, ao passo que por outros são pronunciadas contendo uma sequência de vogais (Cagliari, 2007: 70). Cristófaró Silva (1998: 97) explica que “casos em que um ditongo crescente alterna com uma sequência de vogais (cf. ‘gracioso’ [grasi’ozo] ~ [gra’siozu]) caracterizam potencialmente variação dialetal ou variação de estilos de fala

²⁴ ICoN - Italian Culture on the Net – é um consórcio composto por vinte e uma universidades italianas, que opera em convênio com o Ministério das Relações Exteriores.

específicos”. Um exemplo é a palavra ‘italiano’, pronunciada das duas formas. A forma registrada em São Paulo, com hiato, coincide com a pronúncia italiana.

Com ditongo	Com sequência de vogais
[xiw]	[‘xiʊ]
[friw]	[‘friʊ]
[ita’ljanʊ]	[itali’ano]

A palavra ‘cielo’ (em português, ‘céu’), tornou-se conhecida no Brasil, recentemente, por ser o sobrenome de um atleta nacionalmente conhecido. Em italiano, sua pronúncia é [‘ʃelo], com ditongo crescente, enquanto em português se ouve [si’elo], com hiato. Parece ser uma tendência, no português brasileiro, pronunciar como hiato sequências que em italiano formam ditongos crescentes com /i/ e /u/, como em ‘cielo’ e em ‘italiano’. Abaixo, as transcrições de algumas pronúncias regionais brasileiras, registradas na leitura de listas palavras:

frio

Bahia: [’friw]
 Brasília, Minas Gerais, Ceará, Rio de Janeiro: [’friʊ]
 Rio Grande do Sul: [’friw] e [’friʊ]
 São Paulo: [’friw], [’friʊ] e [’friʊ]

rio

Bahia e Ceará: [’riw]
 Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul: [’riʊ]
 Rio Grande do Sul e São Paulo: [’riw] e [’riʊ]

italiano

Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro: [i,tali’ãno]
 Rio Grande do Sul: [i,tali’ãno] e [ita’ljãno]
 São Paulo: [ita’ljano]

Note-se a ocorrência do ditongo na palavra ‘italiano’, nas pronúncias gaúcha e paulistana (e ausentes nas outras variedades) assim como a ocorrência da vogal médio-alta /a/,

que minimiza a nasalização vocálica no dialeto paulistano, enquanto a pronúncia nasal é aquela comum às outras variedades acima apresentadas.

2.7 O fenômeno da interferência fonológica

O contato entre duas línguas pode dar origem a formas divergentes da norma de uma ou de ambas as línguas, ou seja, as interferências. Poderia-se a este ponto, indagar se as realizações fonológicas aqui analisadas, comuns às duas línguas, teriam surgido como consequências de fenômenos de interferência linguística. De acordo com Weinreich (1974: 21),

O problema da interferência fonológica está relacionado ao modo como o falante percebe e produz os sons de uma língua, que podemos indicar como secundária, em relação a outra língua, que chamaremos de primária. Há interferência quando um falante bilíngue identifica um fonema do sistema secundário como um do sistema primário e, ao reproduzi-lo, o submete às regras fonéticas da língua primária. (tradução nossa)

Ainda de acordo com Weinreich (1974: 28-29), são quatro os tipos de interferência que uma língua pode exercer sobre outra. A primeira delas, a ‘hipodiferenciação de fonemas’, se verifica quando são confundidos dois sons do sistema secundário, cujas contrapartes não se diferenciam no sistema primário. Pode ser o caso, por exemplo, da pronúncia das vogais sem distinção entre oralidade e nasalidade, por parte de um falante italiano. Este mesmo falante pode não distinguir entre as pronúncias dental ou palatalizada de /t/ e /d/, realizando estes fonemas somente como dentais, como acontece no sistema italiano. A segunda delas, a ‘hiperdiferenciação de fonemas’, consiste na imposição aos sons do sistema secundário de distinções fonéticas oriundas do sistema primário. Um falante italiano pronunciaria como intenso o duplo /r/ da palavra ‘carro’, [‘kaʀo] ao invés de [‘kaxo], ou da palavra ‘orra’, [‘oʀa] ao invés de [‘oxa], parte da típica expressão paulistana ‘Orra, meu!’. A seguir, a “reinterpretação de distinções”, que acontece quando o falante bilíngue distingue fonemas do sistema secundário com base em traços que naquele sistema são redundantes, mas que seriam pertinentes no sistema primário. E, por último, a “substituição de fones *stricto sensu*”, que se dá com fonemas que nas duas línguas têm idêntica definição, mas diferentes realizações fonéticas. É o caso da africada [tʃ] e da oclusiva [t] antes de [i], que não podem ser contrastados porque não existem pares mínimos. No português se palataliza e no italiano, jamais.

Certo é que, do ponto de vista estrutural, qualquer elemento de uma língua pode ser transferido para outra, substituindo aquele original. No caso do italiano e do português, ambos de origem latina e, por isso, dotados de estruturas afins, esse processo é bastante facilitado. Um exemplo de suposta interferência fonológica acontece no italiano falado na região Toscana central. Há, entre os dialetólogos e historiadores da língua, quem atribua o fenômeno da espirantização das oclusivas surdas (a velar /k/, a bilabial /p/ e a dental /t/, que passam, em posição intervocálica, respectivamente, a /h/, /φ/ e /θ/) ao substrato etrusco, povo e língua originários da região. O fato que o alfabeto etrusco contasse, em seu inventário, com certos grafemas que correspondiam às aspiradas gregas e a exata localização da antiga civilização em terras hoje toscanas, sugere uma explicação para a chamada ‘gorgia toscana’, principalmente no caso da aspiração da velar. De fato, a palavra ‘casa’, no dialeto florentino, é pronunciada como [‘haza]. A questão é, obviamente, polêmica e divide as opiniões, mas não descarta a possibilidade que, mesmo diante da língua standard nacionalmente unificada, tal possibilidade fonética tenha existido em épocas passadas e continuado à disposição dos falantes daquela área geográfica. Os adeptos à teoria da variação sociolinguística vêem uma motivação estrutural para o fenômeno e o atribuem a uma tendência à sonorização por parte das oclusivas surdas intervocálicas, comum aos dialetos do norte da Itália e que mais tarde foram exportados àqueles do Centro e do Sul. Mas, fica a pergunta: por que o fenômeno se limita ao centro da Toscana, exatamente na área de estanciamiento dos etruscos?

Payrató, 1985 (apud Faulstich, 1997), descreve a interferência linguística segundo três aspectos: a) interferência com o processo ou com o elemento: como em qualquer mudança, a interferência atua no processo (neste caso se trata frequentemente de substituição) e, ao mesmo tempo, atua no elemento que protagoniza o dito processo ou mudança; b) interferência na língua ou interferência na fala: esta ocorre em um ponto específico, ou na língua (como sistema), ou na fala, no processo de bilingüismo; c) interferência entre línguas ou interferências entre variantes dialetais ou registros de uma mesma língua: os fenômenos derivados dos contatos interlinguísticos são formalmente idênticos aos fenômenos que podem produzir-se entre as variantes dialetais ou aos diferentes registros que apresenta uma mesma língua.

A interferência linguística está associada a uma espécie de ‘intrusão’ de elementos de um sistema (primário) em outro (secundário) e apresenta diversas modalidades, em níveis estruturais diferentes. Para responder à questão posta mais acima, sobre a possibilidade da interferência linguística como fator responsável pela variação fonológica em São Paulo, precisa-se considerar quanto da interferência seja determinada por fatores internos à própria

estrutura linguística dos sistemas em contato e quanto seja determinada por fatores extralinguísticos. Um modelo quantitativo de análise permite observar quais fatores, estruturais e sociais, estão correlacionados à realização de cada uma das variantes e, ainda, com que grau de significância. O tratamento estatístico das variáveis paulistanas permitiria verificar também se alguma das variantes constitui ou não mudança linguística em curso.

Para encerrar este capítulo, vale lembrar que as premissas fundamentais da Sociolinguística são que, a língua varia, seja aquela de uma comunidade ou a de um indivíduo. Além disso, a escolha que o falante faz de uma ou de outra variante, revela alguma coisa sobre o seu perfil e, ao mesmo tempo, define a situação social em que tal variante foi selecionada. O estudo da variação fonológica na língua de São Paulo será o estudo, de um lado, da interferência do italiano sobre o português e, de outro, dos fatores sociais que acompanham esse fenômeno.

3. O estudo das influências fonológicas do italiano no português de São Paulo: uma proposta de análise quantitativa.

A língua materna é elemento irrenunciável na formação da própria identidade e sobre isso concordam filósofos e linguistas. O grau de adesão dos falantes à comunidade na qual estão inseridos é demonstrado por suas atitudes linguísticas, isto é, por uma combinação de sentimento e comportamento psicológicos, sensíveis a fatores situacionais e que exercem influência nos usos linguísticos (Kristiansen, 1997:291). É através delas que o falante se define e se reconhece. A pressão exercida por esse tipo de comportamento sobre a língua foi demonstrada em um estudo sobre mudança sonora no inglês, realizado por Labov (2008: 343), em 1963, na ilha americana de Martha's Vineyard; “este estudo se concentrou na relação de fatores sociais com mudança linguística; demonstrou que a direção e o desenvolvimento daquela mudança não podiam ser compreendidos sem vinculá-la às categorias básicas da identidade local”. A partir de então este tipo de consideração ganhou grande importância no âmbito dos estudos sociolinguísticos. O falante faz escolhas e elas definem sua identidade linguística. Além disso, quando fala a própria língua, ele o faz sempre de forma diferenciada. Isso comporta o fato que a Sociolinguística não possa aderir ao postulado chomskiano do falante ideal, que conhece perfeitamente a própria língua em uma comunidade de falantes homogêneos; pelo contrário, pressupõe-se ‘falante ideal’ aquele que conhece e domina, mais ou menos bem, mais de uma variedade de língua dentro de uma comunidade linguisticamente heterogênea.

A esse respeito, Coseriu (1980: 113) chamou de língua funcional as variedades que compõem um sistema, afirmando que “uma língua histórica não pode ser descrita estrutural e funcionalmente como *um* sistema linguístico, como uma estrutura unitária e homogênea, simplesmente porque não o é”. O termo ‘funcional’, aqui, se aplica a formas inteiramente determinadas de uma mesma língua, que se realizam diretamente no discurso.

A variação é inerente ao sistema; os falantes dispõem, segundo Labov (1975), de “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade ou com o mesmo sentido referencial”. Bagno (2004: 52) a define, explicando que: “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. Para Hermann Paul, a diversificação linguística é tão óbvia que não precisa ser explicada: “Se partimos da verdade inegável de que cada indivíduo tem sua própria língua, e de que cada uma dessas línguas tem sua própria

história... o surgimento de variações parece uma simples obviedade”. Paul, 1889 (apud Labov, 2008: 303).

A variabilidade é, de fato, um dos aspectos linguísticos que mais sobressaem quando um sistema é levado em consideração dentro dos usos de uma comunidade social. As escolhas do falante percorrem um *continuum* que pode envolver, na sua fala, o uso de elementos morfológicos de uma língua ou de outra, assim como, em um nível mais detalhado de análise, diferenças na pronúncia de determinados sons vocálicos ou consonantais (Tagliamonte, 2006). A variação tem sempre um valor social, e o comportamento linguístico no qual ela se manifesta tem importantes consequências sociais. De acordo com Guy e Zilles (2007: 75) “o fato de fazer certas escolhas linguísticas contribui para o estabelecimento e a manutenção da identidade social”. Em suma, as relações entre língua e sociedade têm como consequência a variação e a mudança.

A variabilidade como elemento intrínseco à língua é descrita por Weinreich, Labov e Herzog (1968) em um estudo que propõe as bases teóricas e metodológicas da Teoria da Variação e Mudança e em que se explica a noção de ‘heterogeneidade sistemática’. A respeito da resistência, por parte de muitos linguistas, a estudar os fenômenos de variação associados a fatores sociais, Labov (2008: 238) explica:

Há um certo mito popular profundamente arraigado entre os linguistas de que, antes deles mesmos entrarem em cena, existia um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente “falava a língua”. Cada pesquisador acredita que sua própria comunidade foi de algum jeito desviada daquele modelo normal – pelo contato com outras línguas, pelos efeitos da educação e da pressão da língua-padrão, pelos tabus ou pela mistura de dialetos especializados ou jargões. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

Tagliamonte (2006: 5-6) associa a variação sociolinguística a três fatos da linguagem: justamente à noção de heterogeneidade sistemática mais ao fato da língua mudar constante e perenemente e de transmitir bem mais que o simples significado das palavras, isto é, de comunicar também muitas informações não linguísticas. A língua, de fato, é plurifuncional e suas diversas funções formam um conjunto aberto, partindo de um núcleo de funções fundamentais até chegar àquelas menos importantes.

Sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança, dissociam-se estrutura e homogeneidade. “Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala”. (Labov, 2008: 238). A heterogeneidade linguística não é aleatória e, por ser sistemática, pode ser compreendida e

explicada. As causas da variação linguística explicam-se pelo seu ponto de origem dentro da comunidade de fala e pela forma como ela alcança outros grupos sociais. Determinados grupos poderão aceitar passivamente a variação e incorporá-la naturalmente ao seu repertório linguístico, outras poderão opor-lhe resistência (_____, 1973). Da variação e da interferência, pode-se chegar à mudança linguística: mudam as estruturas sociais e, por conseguinte, as línguas, justificam os estudos sociolinguísticos. Para explicar o curso de uma mudança, Labov (1973: 345) diz que:

existem inevitavelmente regras variáveis e estas áreas de variabilidade tendem a difundir-se pelo sistema como um movimento circular. A ala responsável por uma determinada mudança linguística encontra-se normalmente dentro de um grupo e, com as gerações seguintes, a forma mais nova difunde-se em ondas mais largas até atingir outros grupos.

É do mesmo autor o exemplo de uma mudança sonora ocorrida no inglês: “em Nova York, a ala responsável pela elevação do *a* breve foi identificada nas mulheres italianas pertencentes à classe operária, enquanto a elevação do *o* aberto em *off*, *lost* etc., é mais notado entre as mulheres hebreias da classe médio-baixa.” (_____:345). A mudança linguística inicia quando um dos traços característicos de uma dada variação se difunde por um subgrupo específico da comunidade de fala e, a partir daí, adquire valor social. Tal significação representa os valores sociais assumidos pelo grupo. O processo continua à medida que novos grupos entram na comunidade de fala e reinterpretam a mudança linguística. Os processos de mudança atualizam-se na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico da comunidade, mas se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso.

O exemplo do que aconteceu em Nova York associa a identidade étnica como parte do contexto social de uma mudança linguística. Labov (2008: 342) levanta a questão do substrato e pergunta se a língua subjacente seria a causa dessa diferenciação. Em seguida, cita a opinião de Martinet: “A opinião de Martinet se inclinaria nessa direção, já que estaria considerando o impacto externo como refletido na ‘pressão de outra língua’. Mas a explicação pelo contato lingüístico cai por terra”. Pelo fato de não existir [æ] em italiano, a primeira geração de ítalo-americanos tenderia a usar a sua vogal baixa italiana nativa [a] para as classes de palavras inglesas com *a* breve. Mas a segunda geração tenderia a alçar o *a* breve talvez porque quisessem adquirir o status de nativos evitando o padrão de baixo prestígio de seus pais.

No caso do estudo das variantes paulistanas, a identidade étnica poderia ser um dos fatores para explicar a variação fonológica naquele dialeto e a pronúncia do /r/ em coda provavelmente estaria associada a esse fator. Uma das metodologias que permitem entender como (e talvez por que) o fenômeno acontece, é a realização de uma análise variacionista de caráter quantitativo. O rigor de sua metodologia é uma das principais características da Sociolinguística Quantitativa, que tem em critérios fundamentados na língua comum e na base socio-geográfica os seus fundamentos para a investigação. Para esse fim, consideram-se aqui os falantes paulistanos como uma comunidade linguística que compartilha específicos traços fonéticos dentro do sistema ‘língua portuguesa brasileira’, estanciados exclusivamente na cidade de São Paulo. As variações que aqui se propõem investigar (a pronúncia do /r/ em coda, a pronúncia dental das oclusivas [t] e [d] etc.) apresentam uma regularidade de ocorrência tal, dentro do sistema, que podem ser descritas e explicadas por restrições de natureza linguística e social, e na análise quantitativa variacionista serão chamadas de ‘regras variáveis’.

O ponto de partida para a realização de uma análise quantitativa é a definição da ‘variável linguística’. Ela se inicia, diz Tagliamonte (2006: 70), citando Labov, quando se dá conta de que existem [no repertório linguístico de um falante] pelo menos duas maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa. Somente depois de se certificar da existência de pelo menos duas formas que se distribuem regularmente pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários, mas que são usados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto, é que se pode ter certeza de que se trata de uma variável sociolinguística. Em seguida, verifica-se quais são essas diferentes possibilidades, ou seja, quais são as variantes que compõem a variável. Elas devem ser funcionalmente equivalentes e apresentar estratificação tanto estilística quanto social. O passo seguinte é escolher um método de quantificação para as possíveis variantes e os contextos nos quais elas ocorrem.

A ocorrência da variável linguística ‘pronúncia do /r/ em coda’, que disponibiliza um conjunto de variantes ao falante brasileiro, pode estar associada a um fator social, como faixa etária, sexo/gênero ou nível de escolaridade do falante, por exemplo. A terminologia aplicada pela estatística para distinguir os dois tipos de variáveis chama de ‘variável dependente’ a primeira (a pronúncia do /r/ em coda) e de ‘variável independente’ aquela social. Isso significa que a pronúncia do /r/ em coda pode depender de certos fatores extralinguísticos para ocorrer. As variáveis independentes podem também ser estruturais, isto é, de natureza linguística. Um exemplo de fator interno à língua, no caso de uma variável fonológica, pode ser dado pelo segmento adjacente, anterior ou posterior ao som que varia. Já

as variáveis independentes de natureza extralinguística, compõem o perfil social do falante, estão diretamente associadas às atitudes e identidades linguísticas, de que se falou anteriormente. No caso da fala paulistana, pronunciar o /r/ em coda como tepe ou as oclusivas como dentais, poderia estar diretamente associado a um sentimento de italianidade, ao pertencimento a uma comunidade de origem italiana, por parte de um falante de terceira ou quarta geração de imigrantes.

É importante lembrar, porém, que nem todos os níveis de análise do sistema linguístico são suscetíveis da mesma maneira às influências extralinguísticas: em uma escala que vai do nível menos exposto àquele mais exposto à influência de fatores externos à língua, estariam a morfologia, seguida pela sintaxe, depois pela fonologia, pelo léxico e pela semântica e, finalmente, pela pragmática. Da mesma forma, nem todas as unidades, de todos os níveis de análise, variam na mesma medida: a variabilidade potencial é máxima para o léxico, alta para a fonética e para a gramática e reduzida para a sintaxe e para a morfologia (Elementi di Sociolinguistica, 2007).

A formulação das hipóteses que poderiam condicionar as ocorrências das variantes do /r/ em coda (regra variável ou variante dependente) no dialeto de São Paulo, através dos grupos de fatores (variantes independentes), constitui o chamado ‘envelope de variação’, na análise quantitativa.

As ocorrências das variantes a serem submetidas à análise são encontradas no vernáculo²⁵ paulistano e, no caso desta pesquisa, serão utilizadas entrevistas retiradas do corpus elaborado pelo Grupo de Estudos Sociolinguísticos – GESOL – do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

Para a análise das variáveis descritas no capítulo 2, propõe-se analisar:

a) Uma amostra da fala de paulistanos descendentes de italianos, que se identificam com essa origem e que fazem questão de expressar sua italianidade. A concentração dos grupos de imigrantes em áreas bem definidas dentro da cidade de São Paulo facilita a busca de informantes que apresentem esse perfil.

b) Uma amostra da fala de paulistanos descendentes de italianos, que não se identificam com essa origem e nem se sentem ligados de alguma forma à Itália ou a essa identidade.

c) Uma amostra da fala de paulistanos que não são descendentes de italianos.

²⁵ “Dados linguísticos produzidos em situações comunicativas reais, que revelam a verdadeira configuração de uma dada língua, bem como seus caminhos de mudança” Spessato & Görski (2003: 1068). Para Labov (2008: 244) o vernáculo “é o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística”.

d) Uma amostra da fala de outra variedade brasileira que não teve um contato significativo com a língua italiana (mineira de Belo Horizonte, cearense de Fortaleza, por exemplo).

As amostras coletadas serão comparadas entre si. Esse tipo de comparação servirá a demonstrar se as pronúncias do paulistano, aqui associadas ao italiano, são características de um grupo específico de falantes ou se é comum a toda a comunidade de fala paulistana.

O processo para se conhecer a regularidade sistemática da variação através da quantificação dos dados levam em conta, lembram (Milroy e Gordon apud Tagliamonte, 2006), o princípio segundo o qual todas as ocorrências de todas as variantes de uma variável devem ser computadas e não somente aquelas que confirmariam o argumento que se quer demonstrar, ignorando as outras. Outro aspecto importante, lembra Tagliamonte (2006), é identificar os contextos nos quais tais formas se neutralizam. No caso da ocorrência do tepe como pronúncia do /r/ em coda no dialeto paulistano, como regra variável, são contadas todas as vezes em que a regra se aplica sobre todos os casos em que ela poderia ter se aplicado, mesmo quando não se aplicou. Os dados são então extraídos da amostra, selecionados, codificados e submetidos a tratamento estatístico através do pacote computacional Varbrul.

O Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística (Guy e Zilles, 2007: 105). Os resultados percentuais e probabilísticos são interpretados de acordo com as hipóteses levantadas. O modelo matemático verifica a frequência com que as variantes são empregadas em contextos comunicativos reais e associa pesos relativos aos diversos fatores de cada variável independente, possibilitando que se meçam os efeitos que cada um desses fatores têm sobre a presença de cada variante de uma determinada variável linguística, bem como a significância dos efeitos sobre elas. “De modo geral”, explicam Guy e Zilles (____: 105), “o uso do Varbrul facilita a construção de um modelo quantificado dos processos linguísticos (e dentro de certos limites, dos processos sociais) que controlam e produzem os padrões regulares da variação sociolinguística”.

A etapa final da análise consiste na interpretação dos resultados. Essa fase reúne a apresentação dos dados resultantes das rodadas do Varbrul e requer o suporte de todas as teorias, sociais e linguísticas, envolvidas na concepção do estudo. Aqui entram em jogo conceitos como o de ‘peso relativo’ (que indica o efeito de um fator sobre o uso de uma variante) e de ‘significância’ (que dá estimativas sobre a possibilidade de que o efeito testado realmente ocorra em prática), associados aos grupos de fatores, às hipóteses, às variantes e às variáveis.

Em suma, uma abordagem variacionista quantitativa serve para entender as alternâncias entre formas linguísticas do ponto de vista estrutural (quais fatores linguísticos favorecem ou desfavorecem a ocorrência de uma variante), mas mostram também seu encaixamento no sistema de relações sociais, visto que as diversas variedades de língua possuem diferente status e diferente prestígio; não são, isto é, socialmente equivalentes. Tal metodologia, aplicada ao estudo das variantes paulistanas, permitirá apresentar resultados e tirar conclusões que uma análise somente qualitativa não é capaz de exaurir, para entender a variação fonológica no dialeto da cidade de São Paulo.

Considerações finais

Toda língua, em sua estrutura, é variável e diversificada no uso que dela fazem seus falantes. A questão sociolinguística é exatamente essa: de acordo com Labov (2008: 242), “é suscitada pela necessidade de entender por que alguém diz alguma coisa”. Este estudo investiga os motivos pelos quais um falante paulistano pronuncia como tepe o /r/ em posição de coda, contrariamente ao que ocorre, por exemplo, no estado do Rio de Janeiro; por que ele nem sempre palataliza as oclusivas /t/ e /d/ diante de /i/ ou de um de seus halofones, como é comum na maior parte das variedades regionais brasileiras ou por que nasaliza menos frequentemente certas vogais que, em outros dialetos nacionais, são quase obrigatoriamente nasais.

As referências bibliográficas levantadas ao longo dos capítulos anteriores confirmam as realizações fonéticas participantes do quadro de variabilidade fônica do português brasileiro, contrastam os usos regionais e constituem uma referência teórica sobre a qual assentar as descrições das formas aqui propostas como ‘variantes paulistanas’. Mas, uma abordagem exclusivamente linguística não é suficiente para se alcançar conclusões plausíveis: é essencial um conhecimento preliminar aprofundado da situação social da comunidade estudada. A certeza de que a linguagem é parte constitutiva não só da identidade individual, mas também da identidade social, impõe a necessidade de estudá-la em relação a todos os outros fatores sociais que entram em jogo a partir de então.

Partiu-se, assim, da história da cidade de São Paulo que, a partir do fim do século XIX, contou com a participação de milhões de imigrantes europeus, os quais, por motivos diversos, fixaram-se em terras paulistanas e integraram-se à nova sociedade que estava então se formando. Constatou-se que entre esses predominaram, indubitavelmente e com grande vantagem em volume, os cidadãos italianos e que a fusão dos dois povos e das duas culturas, levou ao contato entre seus códigos de comunicação e, acredita-se, às interferências advindas da mescla linguística.

Considerando as teorias que veem nos fatores sociais a causa de muitos fenômenos linguísticos atentando para os pontos comuns entre as pronúncias paulistana e italiana (e suas divergências com grande parte dos falares regionais brasileiros), previu-se, como hipótese a ser investigada através de um modelo quantitativo, uma correlação entre os dois modos ‘parecidos’ de falar. Variação, interferência, possibilidade de mudança, influência étnica e questão de identidade do falante relacionam-se aqui, na tentativa de se entender a associação feita acima.

Para uma análise exaustiva desses tipos de fenômenos, não basta um simples exame contrastivo *a priori* das características dos dois sistemas em contato. O contato entre duas línguas representa substancialmente o encontro de identidades linguísticas distintas, daí a prerrogativa da abordagem sociolinguística no exame de fatos dessa natureza, que incluem o bilinguismo, a diglossia e os fatores étnico e cultural. Se “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008: 21), então, não se podem dissociar tais fatores do estudo de fenômenos linguísticos. Portanto, seguindo a linha laboviana de pesquisa, a próxima etapa deste trabalho é adotar a metodologia variacionista quantitativa como instrumento para se chegar a resultados sobre os quais se possa fundamentar a hipótese de influência fonológica do italiano sobre o português paulistano.

Referências bibliográficas

- ADAMO, Sergia. Viaggiatori italiani alla scoperta e alla riscoperta del Brasile. Disponível em: < web <http://www.unb.br/il/let/abpi2000/sergia.htm>>. Acesso em 10 jan. 2006.
- ALTERMAN BLAY, Eva. *Immigrazione europea e borghi operai a São Paulo*. Milano: Franco Angeli, 1987.
- ALVIM, Zuleika. *Brava gente!* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- BAGNO, Marcos. *O preconceito lingüístico*. São Paulo: Loyola, 2004.
- BANANÉRE, JUÓ (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado). *La divina incrensa*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- BERGMANN, Michel P.. *Nasce um povo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- BERRUTO, Gaetano. *Corso elementare di linguística generale*. Torino: UTET, 1997.
- _____. *La sociolinguística dell'italiano contemporaneo*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987.
- BETTONI, Camilla. Italiano fuori d'Italia. In: SOBRERO, A.A.(Coord.) *Introduzione all'italiano contemporaneo: La variazioni e gli usi*. Bari: Laterza, 1993.
- _____; RUBINO, Antonia. *Emigrazione e comportamento linguístico: Un'indagine sul trilinguismo dei siciliani e dei veneti in Australia*. Galatina: Congedo, 1996.
- BISOL, Leda. *A variação pretônica do Português brasileiro*. Porto Alegre/RS: Letras de Hoje, 1983.
- _____. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BRUNI, Francesco (Coord.) *L'italiano nelle regioni. Lingua nazionale e identità regionale*. Torino: UTET, 1992.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. *Para Uma Nova Dialectologia: A Realização do S e do R Posvocálicos no Português do Brasil*. Lisboa: CIP, 1994.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana Editora, 2007.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CAPRARA, Loredana. L'italiano degli italiani di San Paolo del Brasile. 1993. Disponível em: <<http://www.italianoscritto.com/interventi/testi/caprara.htm>>. Acesso em 16 out. 2005.

CARDONA, Giorgio Raimondo. Portoghese e Portitaliano. In: *Novamente ritrovato: il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Associazione Brasile-Italia, 1995.

CASTELLANI, Arrigo. Quanti erano gli italofoeni nel 1861?, *Studi Linguistici*

Italiani 8/1. Roma: Saler, 1982.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. *Fonética e fonologia do português*: Roteiro de estudos e guia de exercícios. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

DE MAURO, Tullio. Per una storia linguistica della città di Roma. In: DE MAURO, Tullio, (Coord.). *Il romanesco ieri e oggi*. Roma: Bulzoni, 1989, pp. XVII-XIX, nota 6.

_____. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza, 1963.

DE VASCONCELOS, José Mauro. *Meu pé de laranja lima* [1968]. São Paulo: Melhoramentos, 2006 p. 105.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ELEMENTI di Sociolinguistica. Universidade de Perugia, Itália, 18 mar. 2007. Disponível em: < http://www.unipg.it/~ssissegr/home_sociolin_001.ppt >. Acesso em 30 out. 2010.

FACCHINETTI, Luciana. *Parla!* O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004.

FAGGION, Carmen Maria. Harmonia vocálica com –inho e –zinho. In: 6º Encontro do Celsul (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 2004, Florianópolis, Santa Catarina (Brasil). Anais do 6º Celsul, Florianópolis, 2004, p. 1.

FAULSTICH, Enilde. *Oportunhol é uma interlíngua?* In: Seminário apresentado no Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA), Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona, em 21 de abril de 1997.

Disponível em: < <http://vsites.unb.br/il/liv/enilde/documentos/interlingua.pdf> >. Acesso em 12 nov. 2010.

FERREIRA NETO, Waldemar. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

GATTAI, Zélia. *Città di Roma*. Milano: Sperling & Kupfer Editori, 2006.

GOMES, Angela de Castro. Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade. In: *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

GRASSI, Corrado; SOBRERO, Alberto A.; TELMON, Tullio. *Introduzione alla dialettologia italiana*. Roma-Bari: Laterza, 2003.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, Michael Kirkwood et al. *Os usuários e os usos da língua*. In: _____. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Tradução de Myriam F. Morau. Petrópolis: Vozes Editora, 1974.

ICoN – Italian Culture on the Net. *Dittonghi*. Disponível em <<http://www.italicon.it/modulo.asp?M=m00199&S=4&P=5>> Acesso em 15 out. 2010.

KRISTIANSEN, Tore. *Language attitudes in a danish cinema*. In: COUPLAND, N. & JAWORSKI, A. *Sociolinguistics: a reader and coursebook*. London: Macmillan, 1997.

LABOV, William. *Lo studio del linguaggio nel suo contesto sociale*. In: Giglioli, P. P.. *Linguaggio e società*. Bologna: Il Mulino, 1973.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LORENZETTI, Luca. *L'italiano contemporaneo*. Roma: Carocci, 2002.

MASSA, Gaetano. *Commendatori e carcamano*. In: *Novamente ritrovato: il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Associazione Brasile-Italia, 1995.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: A prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 11. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Malden and Oxford: Blackwell Publishers, 2003.

MORSE, Richard. *De comunidade a metrópole*. Tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário, 1954.

MORTARA, Giorgio. *Giornali degli economisti e Annali di economia*. 1962. Apud: MASSA, Gaetano. *Commendatori e carcamano*. In: *Novamente ritrovato: il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Associazione Brasile-Italia, 1995.

PAIVA, Odair da Cruz; MOURA, Soraya. *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PALAZZI, Fernando; FOLENA, Gianfranco. *Dizionario della lingua italiana*. Torino: Loescher, 1992.

PALERMO, Massimo; TRIFONE, Pietro. *Grammatica italiana di base*. Bologna: Zanichelli, 2000.

PAUL, Hermann. *Principles of the History of Language*. Tradução de H. A. Strong. New York: MacMillan, 1889.

PAYER, Maria Onice; BOLOGNINI, Carmen Zink. Língua dos Imigrantes. Disponível em: < <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php> > Acesso em: 11 jun. 2006.

PAYRATÓ, Lluís. *La interferència lingüística*. Comentarís i exemples català-castellà.

Barcelona: Curial Edicions Catalanes, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1985.

PICCHIO, Luciana Stegnano. Dal Cinquecento, un itinerário. In: *Novamente ritrovato: il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Associazione Brasile-Italia, 1995.

RIBEIRO DURHAM, Eunice. *Assimilação e mobilidade*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1966.

RODRIGUES, Ondina; DI FRANCESCO, Nelson. O Brasil e os Italianos, no Estado de São Paulo Disponível em: < <http://www.brazil-brasil.com/content/view/169/25> >. Acesso em 25 maio 2006.

SANTORO DE CONSTANTINO, Núncia. Italiano na cidade: A imigração itálica nas cidades brasileiras. Passo Fundo: ACIRS/UPF, 2000.

SERIANNI, Luca. *Grammatica italiana: Italiano comune e língua letteraria*. 2. ed. Torino: UTET, 1991.

SPESSATTO Marizete Bortolanza; GÖRSKI Edair. A influência da escolaridade sobre a realização do fonema vibrante em Chapecó, Santa Catarina. In: 5º Encontro do Celsul (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 2003, Curitiba, Paraná (Brasil). Anais do 5º encontro do Celsul, Curitiba, 2003.

TAGLIAMONTE, Sali A.. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão*. São Paulo: Objetiva, 2003.

_____. Adoniran Barbosa. Veja São Paulo, edição especial de aniversário, ano 43, nº 43, p.121, 27 out. 2010.

TIMÓTEO, Aquinei. Línguas em português: o português macarrônico. Disponível em: < <http://www.overmundo.com.br/overblog/linguas-em-portugues-o-portugues-macarronico> >. Acesso em 19 out. 2010.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, Istituto Italiano di Cultura di San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

_____. *Os italianos no Brasil / Gli italiani in Brasile*. São Paulo: Ministero degli Affari Esteri, Ambasciata d'Italia e Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, s.d.

_____. "L'iride italiana" e gli altri. In: *Novamente ritrovato: il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Associazione Brasile-Italia, 1995.

VANZOLINI, Camillo. *Curso theorico-pratico da língua italiana*. São Paulo: Livraria Italiana Editora, 1925.

VIARO, Mário Eduardo. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luiz Antônio (Coord.). *A língua que falamos: Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Tradução de Giorgio Raimondo Cardona. Torino: Boringhieri, 1974.

_____; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In *Lingue in contatto*. Tradução de Giorgio Raimondo Cardona. Torino: Boringhieri, 1974.

Apêndice A

Texto: O fragmento escolhido para leitura (Amostra 1) apresenta diversas palavras cujas pronúncias estão correlacionadas aos fenômenos fonéticos analisados neste trabalho.

«Na nossa rua havia tempo de tudo. Tempo de bola de gude. Tempo de pião. Tempo de colecionar figurinhas de artistas de cinema. Tempo de papagaio, o mais bonito de todos os tempos. Os céus ficavam por todos os lados repletos de papagaios de todas as cores. Papagaios lindos de todos os feitios. Era a guerra no ar. As cabeçadas, as lutas, as laçadas e os cortes.

As giletes cortavam as linhas e lá vinha um papagaio rodopiando no espaço embarçando a linha do cabresto com a cauda sem equilíbrio; era lindo tudo aquilo. O mundo se tornava só das crianças da rua. De todas as ruas de Bangu. Depois era um tal de caveirinha enrolada nos fios; era um tal de correr do caminhão da Light. Os homens vinham furiosos arrancar os papagaios mortos, atrapalhando os fios. O vento... o vento...». De Vasconcelos (2006: 105)

A revisão das transcrições fonéticas é de Alan Mansoldo, pesquisador do Departamento de Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Apêndice B

O questionário utilizado para as entrevistas aos informantes da Amostra 2:

INFLUÊNCIAS FONOLÓGICAS DO ITALIANO NO PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE SÃO PAULO

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. Dados sobre os sujeitos

Sujeito:

2. Sobrenome:	Nome:
3. Idade:	
4. Sexo:	
5. Escolaridade:	
6. Profissão:	
7. Bairro de São Paulo onde nasceu:	
8. Bairro de São Paulo onde cresceu:	
9. Bairro de São Paulo onde vive hoje:	
10. Local de nascimento do pai:	
11. Local de nascimento da mãe:	
12. Já viveu fora da cidade de São Paulo? Por quanto tempo?	
13. Fala alguma língua estrangeira? Qual?	

2. Registro da pronúncia

2.1 - Grupos de palavras:

a) Palavras que apresentam o *r* ortográfico em fim de sílaba, no final ou no meio da palavra: carta – bar – porta – amar – tarde – verde – ator – sair – turma - tartaruga -

b) Palavras que apresentam o *r* ortográfico em início de sílaba e de palavra: rádio – rua – Israel – roda – raiz – retrato – rima – russo – rio - roça

c) Palavras que apresentam *rr* em posição intervocálica:

carro – marra – arroz –arreio –arrimo – arruaça – arrumação

2.2 – Texto:

«Um assombro. O novo século anunciava-se em São Paulo, na **forma** futurista de um veículo que impulsionava a si mesmo, sem pata de animal ou mão de homem a **emprestar-lhe** a **força**. Abria-se a era do bonde elétrico, espalhando medo e deslumbramento. Um menino de dez anos, **gordinho**, **morador** da rua de Santo Antônio, teve a primeira notícia a respeito dos riscos embutidos em tal novidade da boca do Lázaro, o filho da cozinheira de uma tia. Esse negócio de eletricidade é muito perigoso, avisou Lázaro. Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado pelo bonde. Precisava **pular**. Outro **informante alertou**: “O bonde pode **andar** até a velocidade de nove pontos. Mas aí é uma disparada dos diabos. Ninguém agüenta. É capaz de **saltar** dos trilhos! E **matar** todo mundo...” O menino **gordinho** atendia pelo nome de José Oswald de Sousa Andrade, ou Oswald de Andrade, como passou para a história. Entre outras proezas na vida, ele será um dos principais, senão o principal **animador** da Semana de **Arte Moderna**, realizada em São Paulo em 1922». (Toledo, 2003: 487)

2.3 - Fala espontânea

Data da entrevista:

Entrevistador: